Haissman defende auto-construção

O sistema da auto-construção foi defendido pelo Prof. Isaac Haissman, de Israel, como a melhor solução para o problema da habitação popular, principalmente nos países em desenvolvimento. O Prof. Isaac esteve no Recife, a convite da Universidade Federal de Pernambuco, integrando a equipe de docentes responsável pelas aulas do 2º Curso de Especialização em Desenvolvimento Urbano, promovido pela Faculdade de Arquitetura, em convênio com a Sudene e Seplan.

Autor do maior projeto de construção popular em Israel, dentro do sistema por ele defendido, o Prof. Haissman justificou a técnica mostrando as suas vantagens sócio-econômicas, porquanto, sendo o próprio interessado o responsável pela construção do imóvel, desaparece, então, o intermediário, que não tem outro interesse que não o de auferir lucros financeiros.

Condenou consequentemente o sistema de entrega da casa pronta ao promitente comprador porque o mesmo considera-velmente o preço — numa média de 50 por cento a mais — retirando o acesso às populações mais carentes de recursos. Na auto-construção, os órgãos públicos encarregam-se da aquisição dos terrenos, seu loteamento e implatação de infraestrutura, inclusive organização dos grupos de clientes, assistência técnica na procura do material da construção, cabendo, finalmente, aos grupos interessados a tarefa de construir, à sua maneira, o apartamento ou a sua casa própria.

Pesquisa de Micologia tem bom resultado

O Departamento de Micologia da UFPe. acaba de realizar uma pesquisa cujas conclusões poderão servir de base para o desenvolvimento de estudos semelhantes sobre o solo do Nordeste brasileiro. É que, por solicitação do Field Museum of Natural History dos Estados Unidos, o Departamento especializado daquela Unidade da UFPe. fez um levantamento fúngico de amostras de solos do Equador, constatando serem elas indicadoras de petróleo nas áreas onde foram recolhidas.

Animada com os resultados desse estudo, a equipe de Micologia pretende realizar semelhante experiência com amostras de solos do Nordeste, o que representa importantes perspectivas científicas e econômicas, principalmente para melhor equacionamento dos programas oficiais na área, no que diz respeito ao estudo e aproveitamento das nossas riquezas minerais.

O pedido para que o Instituto de Micologia da UFPe. efetuasse esse estudo, formulado pelo professor Rolf Singer, daquele Instituto norteamericano, é um atestado do nível das pesquisas realizadas por esta Universidade, com repercussão no exterior.

A pesquisa foi desenvolvida pelos professores Heraldo da Silva Maia, Ernani Silva, Maria José Perez Maciel, bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas e laboratoristas.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DA U.F.PE.

Nº 4 ANO VII

JORNAL UNIVERSITÁRIO — RECIFE — PE. — DEZEMBRO — 1974

Reitor em saudação pede a volta dos concluintes

A Universidade não termina aqui, para vacês, pois a conclusão do curso de graduação representa a abertura que conduz a outros estágios, como os programas de extensão, aperfeiçoamento, mestrado e doutorado. Voltem porque as portas continuam abertas.

Com estas palavras, que traduzem a consciência da Universidade no sentido de permanecer sempre aberta, preparada para receber não só os novos mas também os que por ela já passaram, o Reitor Marcionilo Lins saudou os concluintes da UFPe., 1974, durante cerimônia conjunta, no Núcleo de Educação Física e Desportos, na Cidade Universitária.

CONGRATULAÇÕES

Ao contrário de 1973, quando a Universidade, por determinação do Conselho Universitário, realizou apenas uma cerimônia de colação de grau para todos os concluintes, este ano, somente sete cursos resolveram promover formatura conjunta — Artes, Biblioteconomia, Educação, Enfermagem, Geografia, Geologia, História, Letras, Serviço Social e Ciências Sociais.

Tiveram como paraninfo geral o ministro Ney Braga, da Educação e Cultura, que não compareceu à cerimônia, como estava previsto, por motivos superiores, sendo representado pelo Professor Syleno Ribeiro, que transmitiu aos formandos os votos de congratulações do titular do MEC.

Maria do Rosário de Rangel Moreira Cavalcanti, do Curso de Biblioteconomia, falou em nome de todos os formandos, tendo feito referência a cada um dos cursos e sobre perspectivas profissionais, citando, em um dos tópicos da sua oração, o filósofo espanhol Ortega Y Gasset: "O homem ao exercer uma profissão compromete-se a fazer o que a sociedade necessita".

A Orquestra Armorial de Camara deu um colorido especial ao ambiente executando vários números.

Reitor, Pró-Reitores, diretores de Unidades, Professores, familiares dos concluintes, autoridades especialmente convidadas participaram da cerimônia.

ESTATISTICA

Este ano, a UFPe. conferiu grau a concluintes de Biociências — 23; Direito — 243; Medicina — 258; Reabilitação — 38; Odontologia — 51; Arquitetura — 75; Engenharia — 191; Farmácia — 31; Economia — 85; Química — 38; Matemática — 11; Estatística — 7; Artes — 6; Enfermagem — 39; Filosofia e Ciências Humanas — 98; Geologia — 15; Geografia — 6; Letras — 12; Nutrição — 6; Educação — 230; Fafire (Psicologia, Letras, Pedagogia e Ciências Sociais) — 146.

O Parque de Exposição dos Animais, numa promoção da Sociedade dos Cavaleiros de Pernambuco, mostrou ao público recifense uma representação da Cavalhada, numa versão européia, fazendo com que esse espetáculo que remonta à idade média, no tempo de Carlos Magno, fosse revivido mais uma vez. Tudo sobre o espetáculo está na página...

Dia de Ação de Graças teve missa na Reitoria

Uma missa celebrada pelo mons. Isnaldo Fonseca, no auditório da Reitoria, foi o ponto culminante das comemorações promovidas pela UFPe. ao ensejo do Dia de Ação de Graças este, mês. Reitor, Vice-Reitor, Pró-Reitores, Professores, funcionários e estudantes assistiram ao ofício religioso.

O mons. Isnaldo destacou a importância da data, salientando que, momento como aquele, deve servir de reflexão, de forma a que o homem possa ajuizar seus acertos e erros e agradecer a Deus o fato da existência ainda ser possível, em meio às tentativas destruidoras, como a guerra, os conflitos entre os povos, etc.

Falta tempo para filmes brasileiros

Uma série de reivindicações foi encaminhada aos órgãos competentes, com vistas à dinamização do patrimônio cinematrográfico brasileiro, como conclusão do 1.º Simpósio do Filme Documental Nacional realizado no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, com a participação das maiores autoridades no setor.

No documento divulgado, após uma semana de estudos e debates, os participantes do Simpósio mostraram a necessidade urgente do aumento do tempo consagrado ao documentário nos cinemas e na televisão; a preservação do patrimônio cinematográfico brasileiro; maior incentivo a entidades que atuam na produção, distribuinção e exibição de fitas documentais.

Participaram ativamente dos trabalhos, ora fazendo palestras, ora apresentando Comunicações, o antropólogo Egon Schaden, sociólogo Carlos Alberto Medina, Guido Araújo, Sílvio Back, Jean Claude Bernadet, José Marques de Melo, Fernando Monteiro, Paulo Cesar Ferreira, José Arthur Rios, José Carlos Avellar, Danielle Rocha Pita e Roberto Aguiar, entre outros.

Foram exibidos vários filmes e documentários sobre fatos, pessoas e obras de autores consagrados.

Marcionilo foi escolhido como "O Educador do Ano"

Entre as dez personalidades homenageadas pelos Diários e Emissoras Associadas do Brasil, este ano, o Reitor Marcionilo de Barros Lins foi escolhido como "O Educador do Ano", recebendo o troféu das mãos do governador Eraldo Gueiros Leite (foto), durante a tradicional festa promovida no clube Internacional do Recife, pelos "DAB". A distinção traduz o reconhecimento da família associada à atuação do Prof. Marcionilo de Barros Lins à frente da Reitoria da UFPe, em prol do ensino e da pesquisa universitária.

MICOLOGIA: 20 ANOS DE PESQUISA

"Só o reconhecimento dos solos do Nordeste pode modificar o processo rotineiro empregado atualmente na agricultura". (Declaração do prof. Chaves Batista, em 1967, então diretor do Instituto de Micologia).

Quinze de abril de 1954. O reitor Joaquim Inácio de Almeida Amazonas inaugura o Instituto de Micologia, da então Universidade do Recife. Trata-se do primeiro instituto, no gênero, em toda a América Latina. É fundado pelo cientista Chaves Batista (falecido). Para ele, convergem logo as atenções de cientistas especialistas de várias partes do mundo.

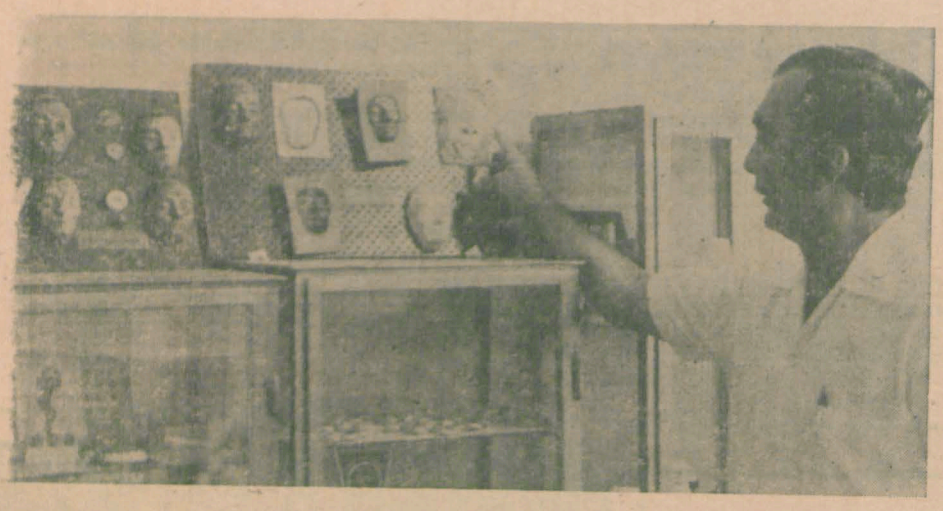
Vinte anos depois, instalado em novo prédio a Oeste do Hospital das Clínicas, na Cidade Universitária, o Instituto de Micologia, sob a direção do Professor Ernani Silva, em consequência da Reforma Universitária, é transformado em Departamento de Micologia pelo Reitor Marcionilo de Barros Lins. Contribui sistematicamente para o desenvolvimento do Nordeste, através de estudos e pesquisas de alto nível.

Uma das preocupações centrais do Instituto tem sido o estudo dos solos. Entre 1967 e 1968, realizou o I Curso de Mestrado em Ciências sobre Microbiologia dos Solos. Prepara-se, agora, para realizar um Mestrado em Micologia, após o regresso de vários dos seus pesquisadores que realizam Mestrado e Doutorado em áreas correlatas, e PhD no Canadá e nos Estados Unidos.

Os pesquisadores que realizam, atualmente, Doutorado no Canadá e nos Estados Unidos, são, respectivamente: Harbans Prazad e José Luiz Bezerra; fazem Mestrado em São Paulo: Francisco Cordeiro Neto e Maria Lúcia Ivo; em Minas Gerais: Débora Massa Lima e Luzinete Aciole de Queiroz; na UFPE (Botânica): Elza Luna e Danusa Poroca.

A Comissão Diretora do Departamento de Micologia é composta pelos Professores: Ernani Silva (presidente), Heraldo da Silva Maia, José Américo de Lima, Ruth Falcão e o auxiliar de ensino, Vlandemir Cavalcanti.

Atualmente, mais de cem alunos da área de Biologia da UFPE estão frequentando as aulas da disciplina eletiva Micologia, recentemente aprovada pelo Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa da Universidade.



Professor Varela continua recuperando mutilados buco-faciais com sua equipe

O Centro de Recuperação dos Mutilados Buco-Faciais, localizado em dependências anexas à Faculdade de Odontologia da UFPe., foi criado em 1968, com aprovação do Conselho Universitário, que apreciou projeto do Professor Antônio Varela destinado. Seu objetivo é proporcionar ampla assistência aos pacientes vítimas de mutilação buco-facial, quer do ponto de vista cirúrgico e ortopédico, quer do ponto de vista da psicoterapia e da foniatria. Além de promover a recuperação de tais pacientes, o Centro é utilizado para treinamento de alunos de graduação e pós-graduação, assim como para pesquisas e desenvolvimento de novos processos protéticos e cirúrgicos.

É dirigido pelo Professor Antônio Gamboa Varela, titular do Departamento de Prótese e Cirurgia Maxilo-Facial da Faculdade de Odontologia, o qual vem realizando inestimável trabalho na recuperação física e psicoterápica dos seus pacientes. O professor Varela — responsável pelas disciplinas de Traumatologia Maxilo-Facial e Prótese Maxilo-Facial daquela Faculdade — sempre considerou de extrema necessidade a criação de um serviço que atendesse o grande número de pessoas portadoras de mutilações na face. Mesmo porque a cirurgia plástica não pode, por si só, resolver problemas dessa dimensão.

Equipe

O Centro conta com uma equipe de especialistas dentre os quais Ivonete Batista Xavier (Psicoterapia); Marluce da Silva Dourado (Psicologia); Marinanda Silva (Terapia da Fala); Maria Pompéia de Vasconcelos (Terapia da Fala); João Brasileiro (Ortopedia dos Maxilares); Paulo de Vasconcelos (Dentisteria); e Ageu Sales (Radiologia Dento Maxilar); e o próprio Antônio Varela. Recentemente, a direção do Centro patrocinou um curso ministrado pelo cirurgião português Dr. Cardoso da Rocha, da cidade do Porto, onde possui um renomado serviço de fissuras lábio-palatais. O professor português forneceu valiosos subsídios à equipe do Centro dos Mutilados Buco-Faciais.

Poblemas psicolológicos

Segundo a psicoterapeuta Ivonete Batista, as pessoas portadoras de mutilações possuem, na maioria dos casos, graves problemas de ordem psicológica. Sua atuação no Centro decorre da necessidade de fazer com que estas pessoas possam, apesar de tais problemas, atuar convenientemente no trabalho e nas suas relações com indivíduos normais. Ela ministra aulas no próprio Centro e dispõe de uma clientela particular, constituída não somente de clientes vítimas de mutilações como também de problemas de caráter psicológico.

Ineditismo

Desde que assumiu seus encargos como Professor de Traumatologia Maxilo-Facial e de Prótese Maxilo-Facial, o Dr. Varela vem desenvolvendo um trabalho de grande relevância no campo da Odontologia. O programa de ensino e atendimento oferece ao futuro cirurgião-dentista a oportunidade de absorver conhecimentos de uma especialidade que inclui, numa ação pioneira, a utilização da **Silicona**, uma substância elástica convencionalmente usada na moldagem de prótese dentária, mas no Centro largamente utilizada em prótese facial e nas inclusões em cirurgia plástica.

Foi criado, ainda, um aparelho denominado **Provisor Morfo-Cromático**, que serve para determinar as variações de cor da íris e que é usado na prótese ocular, visando a igualdade entre as cores do olho natural e do olho artificial.

Na Cadeira do Professor Antônio Varela são realizadas, entre outras, a Prótese Ocular, a Prótese Nasal, a Prótese Auricular e a Prótese das Fissuras Palatinas e Velo-Palatinas.

Ernani vê restauração dos solos

Pesquisa sobre "Restauração de Solos de Baixa Fertilidade por Via Microbiológica", realizada pelo professor Ernani Silva, diretor do Departamento de Micologia, publicada na Revista Latino-Americana de Microbiologia, editada no México, comprovou a viabilidade do aproveitamento de determinados recursos naturais do Nordeste, representados por jazidas de rochas e minerais primários, os quais, por sua composição química, em teores e qualidade, se apresentam com possibilidades de aplicação agrícola, na forma de corretivos e de fertilizantes.

O custo da produção de cloritaxisto (rocha), na época em que foi realizada a pesquisa (1967), moído a 40-160 mesh, considerando-se uma distância de 40 Km da ocorrência ao local de aplicação, pode ser assim calculado, aproximadamente: retirada e transporte, por tonelada — Cr$ 3,00; moagem (pessoal) — Cr$ 0,22; energia — Cr$ 1,00; preço de uma tonelada de cloreto de potássio — Cr$ 4,22. Quantidade de cloritaxisto con- — Cr$ 4.22. Quantidade de cloritaxisto contendo K20, equivalente a uma tonelada de cloreto de potássio: 17 toneladas que custam Cr$ 70,00.

Aos setenta cruzeiros devem ser incluidos os gastos referentes à distribuição de 17 toneladas no campo, o abatimento do capital empregado na maquinaria e a verba de manutenção. Os cálculos para inocuçantes terão de ser, também, adicionados.

Ao fazer essa demonstração de custos quanto à exploração desses recursos naturais, o Professor Ernani Silva evidenciou as vantagens econômicas desse aproveitamento, considerando os altos custos dos fertilizantes importados, a par de problemas de poluição que estes acarretam.

O trabalho foi realizado no engenho Ubu, situado em um tabuleiro costeiro, e nos laboratórios do Departamento de Micologia, da Universidade Federal de Pernambuco. Nas pesquisas realizadas, foram comparados os efeitos de dois tratamentos, um com cloreto de potássio, e outro com cloritaxisto, reduzido a 160 mesh, misturado com esporos do fungo **Aspergillus terreus,** microrganismo solubilizador de silicatos de rochas.

A pesquisa foi realizada em amostras de solo em processo de podzolização, coletadas à profundidade de 15 a 32 cm ao nível do horizonte A3, para isolamento dos fungos filamentosos, entre os quais foi eleito o **Aspergillus terreus,** pela sua capacidade de melhor solubilizar, notadamente o potássio contido no cloritaxisto, afora outros elementos como Magnésio, Cálcio, Cobre, Zinco, etc.

Rodrigues participa de reunião sobre mineralogia na Alemanha

O professor Rilson Rodrigues, diretor do Instituto de Geociências da UFPe., participou da 9ª Reunião Internacional de Mineralogia realizada nas cidades de Berlim Ocidental (1ª parte) e Regensburg (2ª parte), recentemente, na qual foram discutidos vários aspectos ligados à pesquisa e aos estudos da mineralogia. O encontro foi promovido em conjunto com a Sociedade Alemã de Mineralogia, sob a presidência do Prof. H. Strunz, diretor do Instituto de Mineralogia e Cristalografia da Universidade Técnica de Berlim.

Além da apresentação de trabalhos, debates e mesas-redondas, os participantes do Congresso visitaram minas, pedreiras e fábricas, situadas entre Berlim e Regensburg.

NORDESTE

O Prof. Rilson Rodrigues apresentou trabalho sobre "Fosfatos Minerais dos Pegmatitos do Nordeste do Brasil", na sessão principal que abordou o assunto, no auditório da Universidade de Berlim. Outros temas apresentados e debatidos nas sessões principais foram: "Inclusões em Cristais," "Crescimento de Cristais" e "Gênese de Minerais".

Na sessão sobre Pegmatitos foram selecionados, pela Comissão Organizadora do Congresso, dezessete trabalhos, dos quais cinco versaram sobre fosfatos minerais. Foi bastante salientada a importância mineralógica, geológica e econômica do estudo sistemático da Mineralogia de pegmatitos que, no Brasil, somente é realizada de maneira contínua, como linha de pesquisa, pelo Grupo de Mineralogia e Cristalografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Pernambuco.

O grupo pernambucano, aliás, sob a direção do Prof. Rilson Rodrigues da Silva, conta com o apoio integral do Conselho Nacional de Pesquisas e dispõe de equipamento moderno para estudos radiográficos, térmicos e ópticos, únicos no País.

ESCOLHA

O Prof. Rilson Rodrigues foi eleito para a recém-criada Comissão de Crescimento de Cristais Minerais da Associação Internacional de Mineralogia, durante reunião de trabalho, em Regensburg. Para o quatriênio 1974-1978, foi eleita a nova Diretoria da Associação, sob a presidência do Prof. Soblolev, da Academia de Ciências da U.R.S.S.

A próxima reunião, em 1976, terá lugar na Austrália e a seguinte, em 1978, será realizada em Moscou e Bierolava (U.R.S.S.).

Cientistas estudam a Paraíba

"Micromicetos e Streptomyces da Região do Agreste e Caatinga Litorânea do Estado da Paraíba, assinalados em 44 perfis de solos", é o título da pesquisa realizada pelos Professores Ernani Silva, Chaves Batista (falecido), J. Ribeiro Farias Sobrinho, J. Otamar Falção de Morais, Olga Chaves Batista e F. Cordeiro Neto, para o Departamento de Micologia. Foi publicada em 1970.

A pesquisa assinala que aquela é favorecida por terrenos propícios a atividades agropastoris; sua economia, entretanto, está fundamentada no setor da agricultura, que predomina sobre a pecuária, muito embora na faixa da caatinga exista um equilíbrio relativo, entre esses dois setores da produção".

Acrescenta, ainda, que "o trabalho gratuito dos microrganismos dos solos, em favor da produtividade agrícola deve ser estimulado por técnicas apropriadas, objetivando-se maiores safras, rentabilidade mais elevada. Outros estudos deverão analisar como tirar-se proveito da população microbiana desses solos, em termos de moderna agricultura. Quase 400 mil habitantes acham-se espalhados nessa região fisiográfica, que tem pouco mais de 5 mil Km2, e vivem do produto de suas lavouras". ,

"O milho, a farinha, os feijões, a batatinha, a mandioca, a cana-de-açúcar, o abacaxi, o algodão herbáceo, a agave, o fumo — são fontes de energia e de riqueza, sendo pequeno ou inexistente o parque industrial, que se reduz, praticamente, a incipientes usinas de beneficiamento de agave, descaroçamento de algodão, e indústrias de beneficiamento de couro e peles, com uma fábrica de açúcar que não sendo das maiores do Estado, merece ser registrada, achando-se encravada no município de Sapé.

Uma região assim, dependendo quase exclusivamente de suas lavouras, precisa adotar métodos de manejo dos solos agrícolas, para a rentabilidade dos cultivos, alcançando não só equilíbrio econômico-financeiro nos investimentos campesinos mas, e sobretudo, renda **per capita** capaz de atender aos reclamos do bem estar, da educação da família e maior participação nos bens de consumo da nossa civilização".

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.° 4 RECIFE — DEZEMBRO — 1974 ANO VII

Reitor ..... Professor Marcionilo de Barros Lins

Vice-Reitor ..... Professor Rômulo Maciel

Pró-Reitor Comunitário ..... Professor Armando Ribeiro Samico

Diretor do DEC ..... Professor Marcos Albuquerque

Redator-Chefe ..... Manoel Neto Teixeira

Repórteres ..... Raimundo Carrero

..... Ângelo Monteiro

..... José Carlos Targino

Repórter-Fotográfico ..... Maurício Coutinho

Diagramação ..... Josias Florencio da Silva

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural, Órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como o veículo oficial da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação do JU, Reitoria, 2.º andar, Cidade Universitária.

Primeira TV educativa do Brasil faz 6.° aniversário

A TV-U canal 11 comemorou o seu 6º aniversário, com ampla programação sócio-esportiva, inclusive uma exposição de fotografias e de materiais que assinalam os seus primeiros momentos de funcionamento, como a primeira televisão educativa do Brasil.

A programação da TV-U está assim dividida: 3,7% — religiosos; 9,3% — noticiosos; 14,5% promocionais; 32,8% — instrucionais; 20,5% — artísticos; 14,0% — científicos; 4,8% — esportivos.

HISTÓRICO

Em fevereiro de 1966, o Conselho Nacional de Comunicações concedia à TV-U o canal de VHF. Em 28 de junho de 1968 ia para o ar, pela primeira vez, em fase experimental, e a 22 de novembro do mesmo ano era inaugurada oficialmente a pioneira das TVs educativas do Brasil.

O seu equipamento eletrônico é de origem japonesa, inteiramente transistorizada — o 1º desse tipo instalado na América do Sul. Foi a 1ª TV-E do Brasil a produzir e transmitir cursos de Madureza (atual Supletivo) e de alfabetização de adultos.

A TV-U é o único Centro Multinacional de Tecnologia Educativa no Brasil, dentro do programa patrocinado pela O.E.A., do qual participam outros 5 países da América Latina — Argentina, Chile, Colombia, México e Venezuela.

ESTÚDIO

Inaugurou, em agosto deste ano, o segundo estúdio e vários melhoramentos na Divisão Técnica, cujas obras contaram com recursos financeiros provenientes do Prontel e da própria Universidade Federal de Pernambuco (Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários). No novo estúdio foram instalados equipamentos eletrônicos doados pela O.E.A., de procedência norte-americana, constituído de 2 câmaras "plubicon", "swichtman" com mesa de efeitos completa, mesa de áudio, com toca-discos e gravador e outros recursos técnicos. Ela mede 25x20m., com revestimento acústico moderno e sistema global de iluminação "Colortran".

Tem promovido cursos de alto nível, inclusive seminários, destacando-se, entre outros, o seminário de currículo e tecnologia educativa; curso de planejamento instrucional; curso multinacional de tecnologia educativa; técnico-pedagógica. Tais promoções, paralelas ao seu programa normal.

PERSPECTIVAS PARA 75

Dirigida atualmente pelo professor Francisco Dário, a TV-U, que está ligada diretamente à Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da UFPe., tem para 1975 as seguintes perspectivas:

— Concretização de convênios com o PRONTEL, atualmente em análise, mas já praticamente aprovado, no valor de Cr$ 2.500.000,00, para reequipagem e construções, com objetivo de transformar a TV-U em Centro Nacional de Produção de TV-E.

— Encaminhamento de projeções ao PRONTEL, para reequipamento da Rádio Universitária (O.M.) e montagem da estação de Frequência Modulada, a primeira do Norte/Nordeste.

— Convênios com o SENAC-Nacional, que, em acordo com a TV-U, já decidiu implantar no Recife o seu Centro de Produção de telecursos, referentes à sua área de atuação.

— Realização de estreito intercâmbio com a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (Rio) e com a TV Cultura (São Paulo), de acordo com contatos já mantidos, com o objetivo de transmitir programação daqueles centros.

— Implantação na TV-U de novo esquema administrativo, já estudado, com o fim de condicionar o orgão à produção de programas instrucionais com maior quantidade e qualidade.

— Reformulação total da programação com vistas à implantação de uma filosofia permanente de ação, redefinindo-se a tipologia dos programas.

— Intercâmbio com órgãos diversos e treinamento de pessoal com o fim de dinamizar a programação, que é o alvo central das preocupações da administração do órgão, no próximo exercício.

Fim De Ano: Uns Partem, Outros Chegam

Enquanto uns partem, outros chegam, num ciclo permanente de renovação. Este é o aspecto que caracteriza os meses de dezembro e janeiro, na Universidade. Os que partem, com os conhecimentos adquiridos ao longo de um curso de graduação, buscam a realização profissional em meio a um mercado de trabalho cujas ofertas ainda são um tanto imprevisíveis. Os que chegam, depois de suplantar a barreira do vestibular, iniciam uma nova caminhada, cheia de esperanças e até mesmo de sonhos. Isto porque, para qualquer estudante que conclui o 2.° grau, o ingresso na Universidade representa, ainda, uma grande conquista.

De uma forma ou de outra, não se pode negar que a Universidade, ao entregar à sociedade novos profissionais qualificados — quer sejam ou não absorvidos pelo mercado de trabalho — cumpre mais um capítulo da sua longa e infindável jornada: preparar o homem, em todos os sentidos, para a difícil missão de participar efetivamente da sociedade, dando sua contribuição qualquer que seja a sua área de atuação, para o levantamento e solução dos problemas das comunidades, do Estado e, por extensão, do próprio País.

Ao recém-formado não adiantam lamentações sobre possíveis deficiências que por ventura foram encontradas durante o curso. Naturalmente que falhas existem, principalmente dentro de uma estrutura universitária em fase de transformação. A própria Reforma Universitária reflete o problema, porque ela mesma é uma consequência dos novos modelos que se impõem, como uma decorrência natural do comportamento do homem em sociedade. Principalmente em um País que começa a viver novas perspectivas de desenvolvimento — social, cultural e econômico.

E como se processar tais mudanças, sem preparar inicialmente, os homens, técnica e culturalmente? Eis, então, o grande papel da Universidade. Com ou sem falhas, não se pode negar ser a Universidade o centro da ciência e da cultura de um país. Ao entregar à sociedade mais de mil novos profissionais graduados, nas diversas áreas, este ano, a Universidade Federal de Pernambuco deu mais um passo na sua caminhada em prol do desenvolvimento da Região, particularmente de Pernambuco, como um dos maiores complexos universitários do País.

I Concurso Latino Americano de Composição no Recife pela UFPe

Em meados do próximo ano, o CONSORTIUM CLASSICUM, septeto de categoria internacional da República Federal da Alemanha, fará uma "tournée", organizada pelo Instituto Goethe de Munique, pelas principais cidades da América Latina. A convite da Universidade Federal de Pernambuco (Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários) e o Leitorado de Alemão do Instituto de Letras da UFPe., este conjunto apresentar-se-á em Recife.

A fim de selecionar uma ou duas obras para serem incluídas na excursão latino-americana do ensemble, o Instituto Goethe resolveu promover o I CONCURSO LATINO-AMERICANO DE COMPOSIÇÃO que, no Brasil, será coordenado pelos representantes do Instituto Goethe, em colaboração com a Sociedade Brasileira de Música Contemporânea (SBMC).

Poderão participar compositores brasileiros natos, naturalizados e estrangeiros, que residam e exerçam no País atividade permanente, sem limite de idade. A obra, inédita, deverá ser uma composição, com duração máxima de quinze minutos para um conjunto de violino, viola, violoncelo, contrabaixo, clarinete, trompa e fagote, podendo ser utilizado em sua totalidade ou num mínimo de cinco de seus integrantes. As partituras deverão ser entregues até o início de fevereiro de 1975, impreterivelmente. O julgamento das obras inscritas será feito na Alemanha, atribuindo-se os seguintes prêmios: três mil marcos (cerca de oito mil cruzeiros), dois e hum mil marcos.

Demais informações no Leitorado de Alemão do Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (Edifício dos Institutos Básicos — 3º andar, sala 22, Cidade Universitária), às 2ªs, 3ªs e 5ªs de 15 às 16 horas com o Prof. Georg Bräuer.

EUA têm interesse pela comunidade brasileira

O catálogo latinoamericano da **Xerox University Microfilms**, de Ann Arbor, Michigan, dá uma idéia bastante clara do interesse da comunidade dos Estados Unidos pelo Brasil. E hoje mais do que nunca. São 269 teses de doutorado envolvendo ciência política, História, Sociologia, Antropologia, Belas Artes, Economia, Educação, Geografia e Literatura.

Entre os dias 27 e 29 de agosto deste ano, um número equivalente a dezesseis norteamericanos leram e discutiram trabalhos de sua autoria sobre um único período da história brasileira: a da Regência. O Seminário foi realizado no Arquivo Nacional, em Michigan, e teve um promotor brasileiro — a Associação de Pesquisa Histórica e Arquivística — e dois dos Estados Unidos — o **Dowling College**, de Nova York, e a **Del Mar Foundation**, de Washington.

De fio a pavio

Na **Xerox University Microfilms** — segundo o jornalista carioca Newton Carlos, uma das principais fontes de nossas informações — é possível obter documentos surpreendentes sobre o nosso País.

Um estudo de James Frederik Sapnn, da Universidade da Flórida, procura determinar a incidência característica e potencial coral das "vozes em transformação em escolas brasileiras selecionadas".

Quem estiver interessado num estudo sobre a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, pode consultar Robert Howard Mattonn, da Universidade de Yale.

Lawrence Fulton Salmen, da Universidade de Columbia, veio ao Rio, somente para estudar as "casas de cômodos", seus moradores e modo de vida, a fim de estabelecer um tipo de favela urbana diferente da favela do morro.

Um estudo de autoria de Johon Oak Early, da Universidade Estadual de Ohio, procura determinar as "fontes e uso de crédito agro-comercial nas regiões de Itapetininga e São José do Rio Preto".

No catálogo existem estudos que talvez nunca sejam efetuados no Brasil. Por exemplo, o de Judith Rae Shapiro, da Universidade de Columbia. Ela fez um levantamento das estruturas sociais e do papel do sexo entre os índios **Yanomana**, do Nordeste brasileiro.

De Getúlio a Castelo

Paralelamente, os norteamericanos não têm descuidado um só instante dos nossos recentes acontecimentos políticos. Mas Thomas Skidmore — autor de uma obra importante sobre a política brasileira compreendida entre Getúlio Vargas e Castelo Branco — considera indispensável um maior apoio à pesquisa histórica no Brasil feita por brasileiros. Por melhor que seja, afirma ele, a interpretação de acadêmicos estrangeiros é sempre perigosa e às vezes falha.

Opção feliz

Um desses "acadêmicos", o professor Rollie E. Poppino, da Universidade da Califórnia, conversou durante uma hora com algumas dezenas de alunos do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco.

A palestra foi realizada no auditório do 13º andar dos Institutos Básicos, no dia 3 deste mês, e contou ainda com a participação dos professores Armando Souto Maior, Roberto Mota, Gadiel Perruci e Gabriela Martin, todos da UFPe.

Alto e magro, bastante amável e discreto, o professor Poppino afirmou que, nos círculos universitários norteamericanos, o interesse pela América Latina teve início logo após a revolução cubana. Mas ele, particularmente, está mais interessado no nosso país do que em qualquer outro desta parte do hemisfério. Professor de História da América Latina na Universidade da Califórnia, além de autêntico conhecedor das relações entre países latino-americanos, ele salienta que, sem dúvida alguma, escolher o Brasil como centro de suas atenções foi uma opção muito feliz.

Nascido no ano da revolta do Forte de Copacabana (1922), onforme revelou, o professor Poppino já escreveu dois livros sobre assuntos nacionais brasileiros: um focaliza a história de Feira de Santana, cidade do Interior da Bahia, e o outro, intitulado "Brasil: Terra e Povo", resultou numa história sócio-econômica de nosso país. "Mas social que e conômica", diz ele, vivamente interessado nas pesquisas que ora desenvolve sobre a história política brasileira compreendida entre os anos de 1930/45.

Prêmio: Através da Arte Vila Nova Vê Sociologia

Com o ensaio "Sociologia na Ficção", o Prof. Sebastião Vilanova foi distinguido com o Prêmio da Metalgráfica do Norte, para sociólogos. Trata-se de um concurso de âmbito regional, destinado a conferir, anualmente, prêmios milionários, incentivando os que se dedicam à literatura e à ciência em geral.

Sebastião Vilanova, que além de professor universitário integra a equipe de especialistas do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, demonstra no seu trabalho que a apreensão da realidade sociológica pode ser, muitas vezes, realizada de forma mais objetiva e concreta por um ficcionista do que por sociólogos.

Ao sustentar esse ponto de vista que, segundo declarou, não é uma idéia original, própria, porquanto outros estudiosos já se referiram ao assunto, Sebastião Vilanova fez ver que, dentro dessa perspectiva, pode ser apontada a seguinte consequência: sem ser ao mesmo tempo, um artista, dificilmente o sociólogo pode realizar boa sociologia.

Entende que, a realidade, sendo plástica, em sua mobilidade, não está apenas circunscrita a gráficos e tabelas estatísticas, como pensam alguns sociólogos equivocados ou limitados numa pretensão extritamente tecnicista, que não reconhecem que a ciência, assim como a arte, terá de ser trabalhada a partir de um contato mais íntimo com a realidade, de onde extrai o seu valor e substância.

Concluintes de Engenharia ganham bolsa MEC/VOLKS

Dois concluintes da Escola de Engenharia da UFPe. — Raimundo Ferreira da Silva e Luiz Gonzaga Cardoso Ayres — foram distinguidos com bolsa oferecida pela Volkswagen, dentro do convênio que mantém com o Ministério da Educação e Cultura, destinado a premiar os melhores alunos concluintes de cursos técnicos de nível médio e superior, anualmente.

Raimundo Ferreira da Silva Filho e Luiz Gonzaga Cardoso Ayres destacaram-se com os melhores créditos nos cursos de Mecânica e Eletricidade, em 74, razão porque foram contemplados com a bolsa MEC/Volkswagen, no valor de Cr$ .... 1.500,00, cada uma. Receberam os prêmios em Brasília, em cerimônia promovida pelo Departamento de Assuntos Universitários, com a presença de representantes daquela indústria automobilística.

Arquivos modernos em exposição na Reitoria

Uma nova sistemática para o setor de pesquisa, no que diz respeito a arquivos, quer no serviço público quer na empresa privada, foi a tônica da exposição instalada no saguão da Reitoria da UFPe., este mês, pela Reconta-Recife (Equipamentos Contábeis Ltda).

Foram expostos fichários para escritórios, repartições e bancos, cujos modelos representam a última palavra em termos de funcionalidade, ocupando o mínimo de espaço físico.

O Jornal Universitário, por exemplo, está implantando um setor de arquivo, tendo para isso adquirido algumas peças através da Reconta-Recife, que tem como diretor o sr. José Lourenço Mano e à frente do seu Depto. de Vendas o sr. Severino Ramos.

Na capa e contra capa, x (fotos), temos o título do LP, a apresentação feita por Ariano Suassuna, a relação das composições e dos componentes do Quinteto e respectivos instrumentos.

União do popular com o erudito no 1.º LP do Quinteto Armorial

O Quinteto Armorial não dispõe do halo de prestígio que circunda outras iniciativas no campo da música, por situar-se em uma linha erudita, difícil, consequentemente, de ser apreendida em termos imediatos. Sendo a primeira experiência de implantação de uma música erudita brasileira de raizes populares, a sua gravação, lançada oficialmente pela Discos Marcus Pereira, em São Paulo, este mês, por certo necessitará de uma margem de tempo bem mais elástica para penetração em um público até então mal orientado musicalmente, ou só orientado para uma música de tipo fácil e de conteúdo epidérmico.

Para a gravação do primeiro LP, os rapazes do Quinteto levaram nada menos de cinco anos desenvolvendo pesquisas, como parte do Movimento Armorial lançado por Ariano Suassuna que, se referindo ao assunto, declara:

"Convencidos de que a criação é muito mais importante do que a execução, preferiram a tarefa mais dura, mais ingrata, mais difícil e mais séria: a procura de uma composição nordestina renovadora, de uma música erudita brasileira de raizes populares, de um som brasileiro, criado para um conjunto de câmara, apto a tocar a Música européia, é claro —principalmente a ibérica mais antiga, tão importante para nós mas principalmente apto a expressar o que a cultura brasileira tem de singular, de próprio e de não europeu".

LIGAÇÃO

O trabalho do Quinteto está ligado ao Departamento de Extensão Cultural da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Pernambuco.

A direção da Gravadora Discos Marcus Pereira, cuja orientação é voltada para a produção de discos de cultura, numa iniciativa realmente digna de aplausos, ratificando as bases razões do seu programa, já anunciou a vialidade de lançamento internacional do LP do Quinteto Armorial, proximamente.

Ilusão do Irreal na Isenção Tributária

IRAM GAMA

Na estrutura econômico-tributária brasileira, os diversos benefícios tributários oferecidos, lato sensu, sobre não serem causa da manutenção de uma ordem econômica, não determinam efeitos positivos nessa mesma ordem. Concorrem, todavia, para a criação de status por vezes sui generis.

Com efeito, verifica-se, por exemplo, que a imunidade concedida ao papel para a impressão de livros, jornais e periódicos, não impediu a alta desordenada do custo dessas edições, observados os cânones da lei da oferta e da procura em relação à matéria-prima básica, o papel. Contrariamente ao presumível, as isenções não produzem o efeito redução do preço, esperado, mas ocorrem, por vezes, em ocasiões de altas, deixando, via de regra, de beneficiar o consumidor final.

Benefícios fiscais dessa ordem não têm influido, decididamente, para a formação de uma poupança captável, ou para fortalecimento da economia, a nível federal.

Favorecem, outrossim, a emulação entre regiões geográfias dessemelhantes, estabelecendo distorções flagrantes em termos de estados-membros. É o que ocorre com o Imposto sobre operações relativas à Circulação de Mercadorias (ICM). Na esfera da União, determina o estabelecimento de subsídios onerosos.

Vetar, por inteiro, o processo de isenções, incrementando, com o aumento de receita decorrente, a fixação de obras de infra-estrutura nos diversos setores da esfera administrativa, parece, seria solução mais condizente com os reclamos administrativos. Maiores investimentos geram maior circulação das riquezas, qualitativa e quantitativamente. A redistribuição fluiria com maior rapidez, estabelecendo índices mais altos no PNB, aumentando, conseguintemente, a renda per capita nacional, dentro de um quadro econômico mais real frente ao fantasma inflacionário.

Mesmo os chamados gêneros de primeira necessidade, vendidos diretamente ao consumidor, isentos de tributação, sofrem a influência das manobras altistas, e suas consequências.

A estruturação do Conselho Interministerial de Preços (CIP), como está sendo feita, determinará o fator decisivo para o estabelecimento desse novo status tributário. Serão refreadas as manobras, se estabilizará o custo dos produtos nacionais, poder-se-á olhar com maior realidade para a situação econômica do país, a nível global.

Não se preconiza, com isto, que a retirada das isenções represente o passe de mágica capaz de solucionar todos os complexos problemas de uma economia em desenvolvimento. Apenas adentrará o país em uma realidade esclarecedora. As isenções não representam, sequer, um torniquete à inflação ou um antiflogístico aos custos. Em nada beneficiam a população. São uma ilusão do irreal.

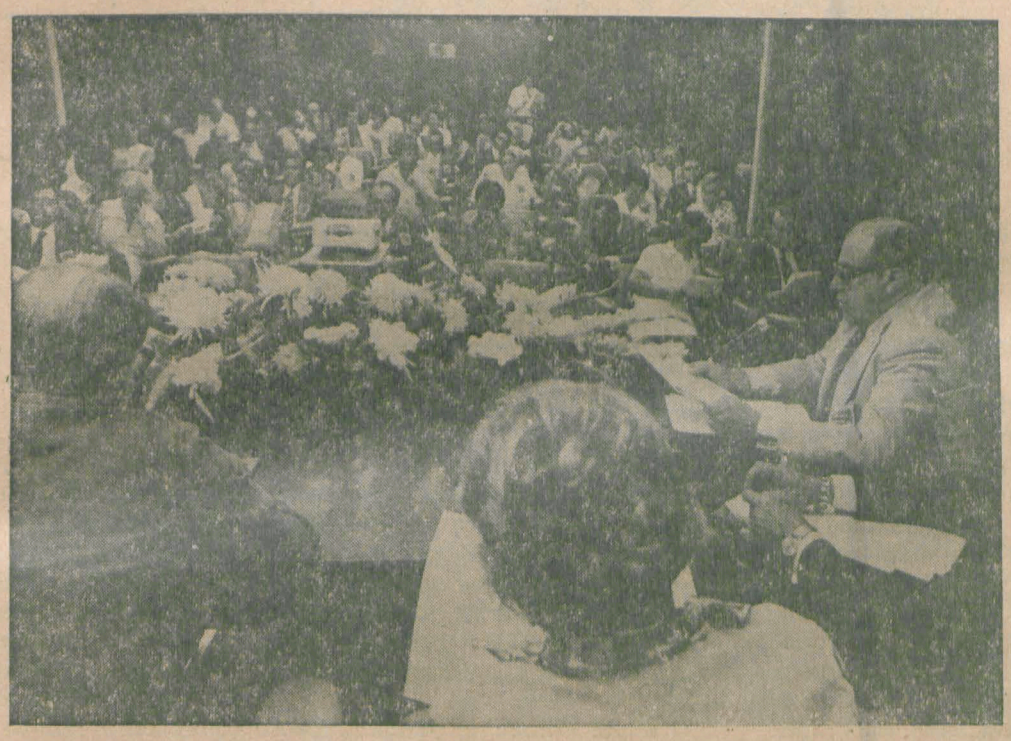
NUTRIÇÃO: UM PROBLEMA PRIORITÁRIO DO MUNDO

— O mundo atual se depara com um problema da mais absoluta prioridade, tanto nos países desenvolvidos como principalmente naqueles em desenvolvimento. Trata-se do problema da nutrição e da tecnologia de alimentos.

A observação é do Professor Alvaro Vieira de Mello, diretor do Instituto de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco, quando da abertura dos trabalhos do **Seminário sobre Tecnologia de Alimentos,** realizado nos dias 19, 20 e 21 deste mês, no Centro de Treinamento da Sudene. Na ocasião, diversos assuntos foram debatidos pelos especialistas brasileiros em problemas ligados à nutrição.

Os objetivos do Seminário foram, entre outros, o estudo da promoção das inter-relações entre Universidade e Indústria, visando a um maior intercâmbio entre as instituições que lidam com a tecnologia de alimentos, incentivando e difundindo os estudos sobre tecnologia alimentar no País, principalmente no Nordeste.

Debates dos especialistas da tecnologia de alimentos



Aspecto dos trabalhos do Seminário sobre Tecnologia de Alimentos

Laboratório moderno para pesquisa dos alimentos

O Instituto de Nutrição da UFPe. inaugurou um laboratório de tecnologia alimentar, contando com modernos equipamentos que permitirão o desenvolvimento das pesquisas e a preparação de novos alimentos com o aproveitamento das riquezas regionais, principalmente das frutas e leguminosas. Para a sua implantação, foi celebrado um acordo entre os Governos do Brasil e da Suiça.

À cerimônia de inauguração do novo setor estiveram presentes o embaixador da Suiça no Brasil, diplomata Emil Stadelhofer o cônsul suiço no Recife, Sr. Cesar Johann Godefroy; Reitor Marcionilo Lins; Pró-Reitor Comunitário, Prof. Armando Samico; Professores Álvaro Vieira de Mello e Nelson Chaves, diretor e consultor científico do INUFP, entre outras autoridades.

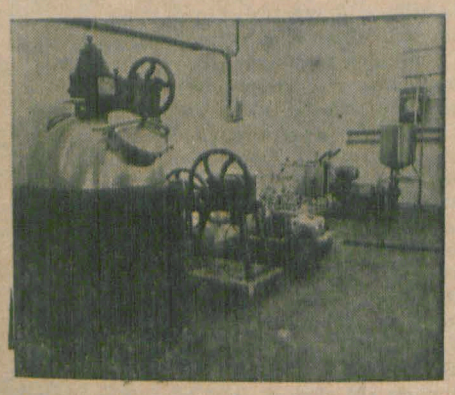
O Embaixador da Suiça quando discursava na inauguração do laboratório

NOVO PASSO

O laboratório foi instalado no Departamento de Nutrição Experimental. Representa um passo a mais na luta desenvolvida por aquela Unidade da UFPe. no levantamento dos problemas de nutrição e subnutrição que afetam o Nordeste, particularmente Pernambuco. A contribuição do Governo suiço é da maior importância.

O acordo prevê uma efetiva colaboração nas pesquisas sobre produtos agrícolas que possam ser cultivados com melhores rendimentos, com possibilidade de industrialização, ensejando ao mesmo tempo a diversificação das culturas.

O novo laboratório proporcionará igualmente a formação de especialistas de alto nível em matéria de tecnologia alimentar, funcionando tanto no setor de pesquisas como na área do ensino pós-graduado.



Estes equipamentos facilitarão o desenvolvimento das pesquisas dos alimentos regionais

COLABORAÇÃO

Está previsto, como decorrência, o estreitamento das relações entre as indústrias do Nordeste e os órgãos de pesquisa, a fim de ser possível o aperfeiçoamento das técnicas de alimento resultando na preparação de novos produtos. Esse entrosamento far-se-á entre órgãos governamentais e empresas privadas, sob a coordenação do Instituto de Nutrição.

Dirigentes da UFPe destacaram o apoio que o Governador suiço vem dispensando ao programa de Nutrição, quer em equipamentos quer em material humano, colocando à disposição do IN especialistas de alto nível no campo da tecnologia alimentar, inicialmente um químico, um agrônomo e um economista, os quais estarão no Recife nos próximos dias, conforme o acordo firmado entre o IN e o Governo daquele país, através do Consórcio Crina-Satco.

Bolsas de estudos também serão concedidas, podendo o aluno estudar na Suiça ou em outro país, com vista à formação de novos especialistas em tecnologia alimentar e de outros técnicos que possam contribuir efetivamente para o equacionamento da problemática da nutrição e da produção de alimentos.

Equilíbrio alimentar

Para o professor Álvaro Vieira — um pesquisador seriamente preocupado com os danos causados pela má alimentação — o problema alimentar não pode deixar de ser encarado sob um ponto de vista multissetorial, envolvendo desde a produção, conservação, armazenamento, estocagem, até as fases do transporte, distribuição e consumo. Mas o problema é tão vasto quanto complexo, pertencendo muito mais à esfera governamental — a quem compete traçar as normas para obtenção de um equilíbrio financeiro e orçamentário, tanto de uma nação como também do complexo familiar — do que propriamente à bitola dos cientistas.

Educação primária & baixa renda

"No Brasil, a cada hora que passa morrem, em média, vinte crianças vítimas da má nutrição como causa primária ou associada, antes de completar-se um ano de vida", é o que afirma o engenheiro Osmar Goeden Reis, do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, baseado nos dados da OPS (Puffer e Serrano, 1973). No campo, complementa ele, é a mãe em particular que decide sobre os alimentos de seus filhos. Ora, levando-se em consideração o fato de que esta pessoa, na maioria das vezes, não completou sequer sua educação primária ou, o que não deixa de ser pior, vive em meio às trevas do analfabetismo, ninguém de bom senso poderia esperar mais da educação nutricional proporcionada por ela.

Para Osmar Goeden, porém, mais problemático ainda é o fato destas pessoas pertencerem a grupos sócio-econômico tão baixos que, em muitas ocasiões, embora gastando toda a sua renda familiar em alimentos, não conseguem uma dieta suficiente em quantidades diárias dos nutrientes essenciais ao funcionamento normal do organismo.

Pesquisas

"A criança procedente de mãe desnutrida, e desnutrida ela própria nos primeiros anos de vida, será irreversivelmente deficiente física e mental. Ela poderá ter 40% menos de neurônios no cérebro, que é um percentual de cérebro deficiente, e não adquirirá boa educação", é a desoladora conclusão a que chegou o professor Nelson Chaves, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e consultou científico do Instituto de Nutrição da U.F.Pe. famoso mundialmente como especialista em nutrição e saúde pública. O professor Nelson Chaves, considerado o decano dos nutricionistas brasileiros, já publicou mais de trezentos trabalhos sobre educação nutricional. Solidamente apoiado nos seus vastos conhecimentos de geografia humana, sociologia e literatura, ele fala com a autoridade de um verdadeiro humanista, embora reconheça que tais credenciais nem sempre contribuiram para a efetivação de alguns dos seus maiores sonhos, entre os quais, por exemplo, o de levar a cabo uma pesquisa sobre a educação nutricional das crianças internadas no Hospital dos Industriários do Recife, cidade onde afirma ter observado os casos mais graves de desnutrição (Mais graves, inclusive, do que aqueles constatados nos municípios de Ribeirão e Água Preta, região da Zona da Mata, onde acompanhou pacientemente dezenove crianças de 2 a 6 anos, numa pesquisa financiada pela Nestlé).

Ainda a propósito dos problemas de sua especialidade, o incansável mestre admite que "a desnutrição também acarreta profunda alteração no sistema hormonal, e, como os hormônios são fundamentais para o desenvolvimento, crescimento e diferenciação do organismo, seus efeitos poder importar em graves distúrbios nervosos".

Alimento ideal

Emília Aureliano Monteiro, do Instituto de Nutrição da UFPe, salienta que, primordialmente, um fato da mais significativa importância deverá ser levado em conta quando se tenta buscar um alimento ideal para a criança: "O único alimento ideal para a criança lactente é o leite materno, o único, por sinal, que alimenta o seu corpo e a sua mente". Hoje, no entanto, são demasiadamente raras as mães que amamentam seus filhos. Fatores tais como o aumento das responsabilidades sociais da mulher e a indiferença de determinados grupos médicos e para-médicos, quanto à importância do aleitamento natural, tendem, segundo Emília Monteiro, a reduzir o número de crianças que mamam.

Uma pesquisa feita pelo ICNND (Interdepartamental Committe on Nutrition for National Development, EUA) conclui, por outro lado, que a insuficiência de leite e a recusa por parte da criança podem, sem dúvida alguma, resultar em sérias razões para o não aleitamento ou para o desmame precoce.

"Qual a motivação básica para a insuficiência de leite e a recusa por parte da criança?", pergunta a pesquisadora, para admitir, em seguida, que resposta para interrogações desse tipo seria tarefa bem objetiva para o início de uma batalha efetiva de combate ao desmame precoce.

Contudo, finaliza ela, os problemas que podem acometer as mães são quase que insignificantes junto aos que, geralmente atingem as crianças, via de regra classes menos favorecidas e que se resumem numa única e triste palavra: desnutrição.

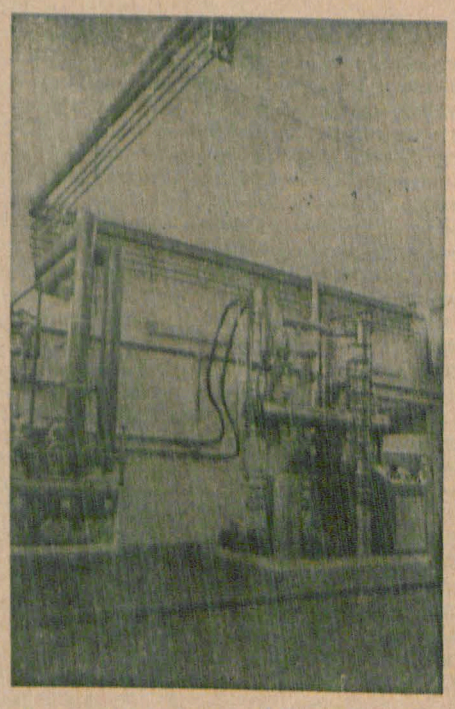
Limitação

Concomitantemente, vastos setores de populações de quase todo o mundo— sobretudo naqueles caracterizados como subdesenvolvidos — vivem em desnutrição crônica. E não deixa de ser sintomática a certeza de que, normalmente, a desnutrição limita o desenvolvimento da potencialidade genética do indivíduo e, direta ou indiretamente, é responsável por muitos de seus problemas de saúde e de falta de bem estar geral (Segundo conclusões a que chegou Moisés Béhar: A Desnutrição como problema de Medicina Social, junho/1972).

Desenvolvimento

No Brasil, ora atravessando uma fase de promissor desenvolvimento, os problemas criados pela desnutrição podem ser resolvidos, ou pelo menos reduzidos consideravelmente, já que o nosso país possui vastas extensões de terras aráveis (Ressalte-se, ainda, que aqui a fome não resulta em milhões de indivíduos perambulando pelas ruas das grandes cidades, esqueléticos, esfarrapados e enlouquecidos, lutando freneticamente por uma fatia de pão).

No Nordeste, por exemplo, a política de estímulos à fruticultura que a SUDENE vem adotando — desde 1962 — contribuirá para que, em futuro próximo, esta região possa se transformar numa área de grande produção de frutas, bem como num expressivo parque industrial de aproveitamento dessa matéria prima.



A preparação de novos alimentos, com estes equipamentos

Caminhos e Descaminhos da Literatura Pernambucana

RAIMUNDO CARRERO

Recife sempre foi uma espécie de meca da cultura nordestina. Para cá sempre convergiram os interesses culturais da região e do País. Por um lado, por causa do interesse despertado pela Faculdade de Direito, tradicional e imponente; e por outro, pela influência exercida por nossos jornais, entre eles o sesquicentenário DIÁRIO DE PERNAMBUCO. E, além disso, apesar de não dispormos de veículo de comunicação capaz de revelar o artista e sua produção, em nível nacional, sempre exportamos escritores — romancistas, poetas, ensaistas, pintores e pensadores — que, de uma forma ou de outra — tiverem ou têm influência decisiva nos destinos culturais da Nação. Por isso, além dos pernambucanos, dos genuinamente pernambucanos, congregamos ainda escritores de todos os Estados da Região que aqui produziram ou iniciaram o caminho em busca da glória literária.

Foi no Recife, em 1926, que o escritor Gilberto Freyre, durante um encontro que ainda hoje motiva discussões, lançou o chamado "Manifesto Regionalista", resultando no movimento que viria a marcar decididamente a cultura brasileira, produzindo escritores, poetas, pintores e ensaistas da melhor qualidade. Também, no Recife, já no ano de 1970, o escritor Ariano Suassuna — paraibano mas de formação pernambucana — lançou o "Movimento Armorial" em reunião na Igreja do Rosário dos Pretos, o qual tem como principal preocupação realizar uma Arte brasileira erudita, a partir de raízes populares da nossa cultura. O "Movimento Armorial" integra importantes poetas da nova geração pernambucana, como Ângelo Monteiro, Marcus Accioly e Janice Japiassu, além de Déborah Brennand. No romance conta com Raimundo Carrero; na pintura, com Francisco Brennand, Gilvan Samico, Miguel dos Santos e Aluizio Braga; na tapeçaria, com Conceição Brennand Guerra; na escultura, com Fernando Lopes da Paz e na música com Antônio José Madureira; Jarbas Maciel e Antônio Carlos Nóbrega, além dos outros integrantes do "Quinteto Armarial".

Ao lado disso, o ano de 1965 terá que ser assinalado como um dos mais importantes para a cultura pernambucana, porque marca o aparecimento ou o lançamento, sobretudo nos suplementos literários do "Diário de Pernambuco" e "Jornal do Commércio", de poetas e romancistas da novíssima geração. Entre os mais importantes figuram Alberto Cunha Melo, Jaci Bezerra, José Carlos Targino, José Mário Rodrigues, além dos já citados por Ariano Suassuna, como integrantes do "Movimento Armorial", Ângelo Monteiro e Marcus Accioly; e ainda os romancistas Maximiano Campos e Raimundo Carrero, sem se falar num grande número de pintores.

Entretanto, a literatura pernambucana conta ainda com romancistas, poetas e ensaistas não catalogados rigorosamente em gerações e movimentos. É um caso, por exemplo, de Mário Sette, Lucilo Varejão, Austro Costa, além de romancistas considerados de uma geração bem mais anterior, verdadeiros iniciadores do romance pernambucano, como Carneiro Vilela, autor de "A Emparedada da Rua Nova", e Franklin Távora, cujo romance "O Cabeleira" é tido como um dos mais importantes da literatura da região. Além desses, aparecem os classificados como integrantes da Geração 45; João Cabral de Melo Neto — cuja obra, pernambucaníssima, é vista como fundamental para toda a literatura brasileira —; Mauro Mota — membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Academia Pernambucana, além de autor de livros de poemas de revelador poder criador como "As Elegias" e "Os Epitáfios" —; Carlos Penna Filho — cuja morte, quando ainda era muito jovem, é sentida pelos analistas brasileiros como um desfalque enorme na literatura pernambucana —; Lucilo Varejão Filho — membro da Academia Pernambucana de Letras e secretário-geral da Universidade Federal de Pernambuco e autor de um livro notável "A Imagem de Pedra"; Audálio Alves e Carlos Moreira. Tudo isso, acrescentando, ainda, o nome de Joaquim Cardoso, visto por alguns analistas literários ligado, de uma forma ou de outra, à geração 45, e cuja obra, poética ou teatral, tem importância fundamental para uma compreensão da literatura do País. E ainda César Leal, cuja produção poética tem enriquecido a literatura brasileira.

O atual romance pernambucano conta com autores como Ariano Suassuna — embora tenha nascido na Paraiba e as suas preocupações estejam bastante voltadas para o seu Estado e para a sua cidade, Taperoá, tem revelado um constante interesse pela cultura pernambucana, a ponto de ser um dos seus mais notáveis conhecedores e divulgadores; além disso, o seu romance "A Pedra do Reino" pode ser considerado, em certo sentido, um romance pernambucano, levando-se em conta que alguns dos acontecimentos mais importantes se desenrolam nesta área, além de conter importantes revelações de nosso folclore e de nossa cultura; Hermilo Borba Filho — seus livros revelam um grande painél da cultura deste Estado, sua problemática e seu folclore; e o seu teatro pode ser considerado fundamentalmente pernambucano; Osman Lins — as suas primeiras produções contêm um "forte sabor" de Pernambuco, mas já agora, em "Avalovara", afasta-se bastante desse ângulo, embora algumas de suas cenas desenvol-

vam-se também
um romancista
uma enorme p
e já no seu r
uma grande vi
através dos
mais fundamen
"Os Emissário
maior atenção
revela de re
tudo —
atual di

Entretanto,
sença literária
pernambucana
decisiva dos
mente os supl
parte muito pe
ticiário cultural
eles são capaz
resco, engraçad
que, via de re
rário ou anti-cul

Quanto a
tem vivido sem
porque conta ap
da Universidad
evidentemente,
de divulg
existe, hoje,
mesmo algum
Brasil, em virtu
assola todo o m
papel, têm fech
senta um desfa

O Que é a Geração - 65?

No próximo ano, a Geração-65 estará completando o 10º aniversário do seu lançamento. Para um rápido balanço de suas atividades nestes dez anos, ouvimos alguns dos seus mais notáveis representantes. Alberto Cunha Melo, autor de dois importantes livros "Circulo Cósmico e "Oração Pelo Poema", ambos lançados por César Leal, através da revista Estudos Universitários disse: — "A um apressado analista literário a nova poesia surgida em Pernambuco após o ano de 1965, chamada por Tadeu Rocha de Geração 65, estaria mantendo as coordenadas das produções poéticas da Geração 45, criticada por uma série de coisas: restauração de formalismos acadêmicos, alienação da realidade histórica e social do País, negação do espirito de pesquisa instaurado pela Geração de 22, passividade diante das imposições ideológicas do Estado Novo, etc. Apesar de 45 ter gerado um poeta como João Cabral de Melo Neto, algumas dessas criticas realmente procedem. Como procede, também, a alegação de que o espirito de pesquisa não implica na aceitação oportunistica de todo e qualquer ismo pequeno burguês que pulula nas metrópoles ocidentais.

"No entanto, a Geração 65, de Pernambuco, muito pouco tem a ver com o que fizeram os bons e maus autores de 45. Basta observar, atentamente, as produções poéticas de Jaci Bezerra, particularmente o seu "Lavradouro", para que se constate o interesse pela renovação formal e aprofundamento de diretrizes propostas pelo lado bom de algumas vanguardas. O trabalho escasso mas enxuto e provocador de Arnaldo Tobias. As incursões filosóficas e misticas de Ângelo Monteiro, restaurando estágios mais altos da poesia metafisica. O diálogo cotidiano e de discussão sociológica de Marcos Accioly que apresentará brevemente uma espécie de repasse conteudistico-formal das várias linhas da poesia Ocidental. E mais a sutileza lirica e a linguagem forte de uma Tereza Tenório de Albuquerque. As proposições insólitas, do ponto de vista do discurso, de um Almir Castro Barros. A silenciosa e afiada constatação telúrica de uma Janice Japiassu. Na maioria, predomina o verso, cuja morte, como a de Deus, já foi anunciada inutilmente muitas vezes".

O poeta Angelo Monteiro, cuja obra já é vista hoje qomo das mais importantes para a compreensão do estágio atual da literatura brasileira, afirmou: "A literatura pernambucana conta, atualmente, com sete poetas, três ficcionistas, nenhum critico e um campo enorme de possibilidade. Dos sete poetas se salvarão, seguramente, três, para a posteridade. Como a maioria faz poesia, essa minoria que faz prosa (e que forma o número da Trindade) ficará tranquilamente, como três dos maiores representantes da ficção não somente pernambucana, mas brasileira e contemporânea: Maximiano Campos, Raimundo Carrero e Gilvan Lemos.

"Quanto à ausência de criticos, cada um desses escritores pode desempenhar o papel por uma questão de responsabilidade moral com o seu trabalho e o de sua geração".

Para o poeta José Carlos Targino, que apesar de muito jovem já é dono de uma produção literária da melhor qualidade, "a novissima literatura brasileira tem em Pernambuco, sem dúvida alguma, os seus mais vigorosos e promissores talentos. Não se trata de ufanismo tolo, mas dificilmente encontrariamos por esse Brasil afora, seja no Sul, no Centro ou no Norte, uma tão bela constelação de jovens poetas, ficionistas e ensaistas. E não fica apenas na literatura. Miguel dos Santos, caruaruense residindo em João Pessoa, João Câmara, Gilvau Samico, Aluizio Braga, dentre outros, são artistas plásticos de indiscutivel envergadura. Quanto à música, Ariano Suassuna considera Antônio José Madureira, do Quinteto Armorial, a maior expressão da música brasileira da atualidade. É só".

Enquanto isso, o poeta Jaci Bezerra autor de "Lavradouro", um dos livros mais importantes da poesia brasileira publicada este ano, acrescenta: "De 1965 a esta data, os novissimos escritores pernambucanos têm, sem rastro de dúvidas, afiado na medida certa os instrumentos do seu trabalho. A poesia e a prosa dos nossos "textualistas" vêm ganhando vigor, sempre renovado, a cada palavra descoberta, a cada página escrita. Um trabalho sério, realizado com a consciência de quem sabe aonde deseja situar a sola dos sapatos. É possivel, porém, que o barulho de sombras, natural presentemente, que vem ocultando o trabalho da Geração-65, venha dando margem a interpretações inexatas por parte de outros escritores mais idosos, apesar de "bem intencionados". Por exemplo, a de que a Geração-65 não vem construindo textos de sólidos pavimentos. A parte as filigranas com que são tecidas tais considerações, temos a dizer que um trabalho sério vem sendo aqui elaborado. Pena que só os olhos e a inteligência de raríssimos venham percebendo isso. Só que tudo vai madurar no tempo certo. É aguardar a hora e o momento da explosão. Depois o tempo, o exato juiz de tudo, porá o nariz em cima do que essa geração tem feito. Cortará o baralho. Separará as cartas".

ns da

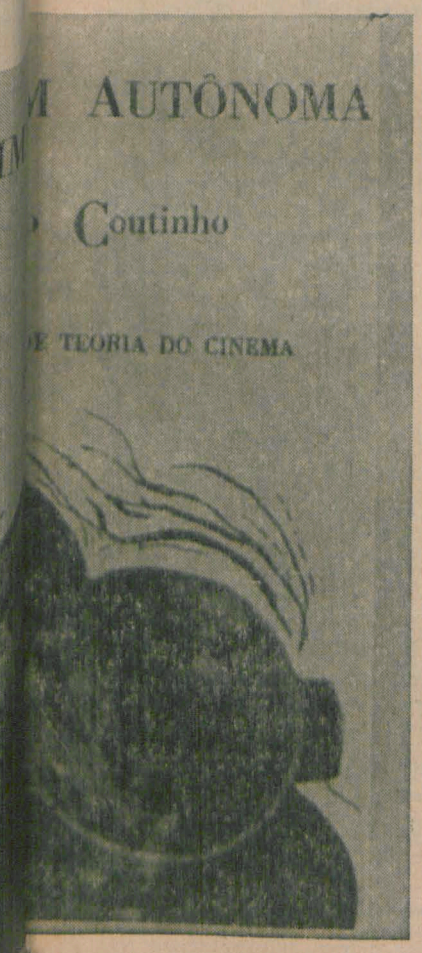
ca

RRE—

ecife; Maximiano Campos —
se tiva geração que tem mostrado
omalação com a cultura do Estado
enoe — Sem Lei Nem Rei — dá
no s Região da Mata e do Sertão,
gra eres dos seus personagens
és Gilvan Lemos — seu romance
fún Diabo" está a merecer uma
Emanalistas literários, pelo que
at na estrutura narrativa, sobre-
a de Asfora e Manuel Mario,
dir tuto de Letras da UFPe.
Entr lar de toda essa grande pre-
lite ritores e estudiosos, a cultura
mb em contato com a colaboração
iva ornais que reduzem incrivel-
e os os literários e reservam uma
mu — mínima até — para o no-
o c cupando-se com estes quando
são enas, de mostrar o lado pito-
en jocoso da atividade literária
via e transforma em algo anti-lite-
ou

EDITORAS

ras, o escritor pernambucano
paredado. E semi-emparedado
s com a Editora Universitária,
ederal de Pernambuco, que,
pode suportar sozinha a carga
a g le produção literária que
Pernambuco. Por outro lado,
ais importantes editoras do
a incrível crise econômica que
, principalmente em relação ao
as suas portas, o que repre-
enorme para a cultura nacional.



Em busca de uma definição

"O que se entende por escritor pernambucano?" É a indagação que faz o professor Joel Pontes, coordenador de Estudos de Problemas Brasileiros e presidente do Centro de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, quando perguntado sobre a possibilidade de se definir a literatura do Estado.

— Os historiadores da literatura brasileira, desde Romero a Veríssimo polemizam, sem conseguir estabelecer uma critério de aceitação geral, adianta o professor Joel Pontes. E prossegue: "Transplantando antigas dúvidas e sintetizando ao máximo temos as seguintes proposições: 1) devem ser considerados membros da literatura pernambucana os escritores nascidos no Estado; 2) Os que aqui escrevem; 3) Os que aqui fizeram formação literária mesmo que tenham deixado Pernambuco".

E afirma: "Se as três condições coincidem no escritor, não há o que discutir. Mas se duas falham, ou mesmo uma, os argumentos de apropriação começam a vacilar, porque o historiador não pode ter argumentos a nã ser os de ordem subjetiva".

Entretanto, toma uma decisão: "De minha parte, e sem maiores explicações — que seriam impertinentes no curto espaço do papel — considero como literatura poesia ficção (romance, novela, conto, teatro) e crítica. Vou rotular como pernambucanos os que fizeram entre nós sua formação e daqui partiram como autores de livros, ou de obras definitivas, não rejeitadas posteriormentes".

Por outros lado, depois de considerar que "é inegável que temos uma produção contemporânea, melhor até, em seu conjunto, do que em qualquer tempo", assinala que o que "nos falta é espírito associativo. Vivemos separados por gerações, por especializações, por trabalhos alheios à literatura que nos consomem todo o tempo e até por idiossincracias bestas do tipo **não vou com aquele cara"**.

Ao mesmo tempo, reinvindica a "existência de um periódico literário aberto a todas as tendências". Assinala: "Já os tivemos e suplementos de jornais com até quatro páginas de tamanho normal. Os escritores sabiam dos planos mútuos, ajudavam-se, opinavam sobre originais, batiam boca. O isolacionismo, mais ou menos recente, tem nos tornado uns estranhos, conhecidos, no máximo, através de livros e artigos, como se vivessemos em Estados e até países distanciados".

Conclui reclamando contra a falta de uma editora que seria "outro elemento aglutinador que poderia animar uma literatura pernambucana. As duas maiores do Recife poderiam servir, se os planos editoriais fossem mais ousados, mais abertos, e a distribuição alcançasse os maiores centros culturais do País. Isto não se dá. Edições inhas de mil exemplares que se acabam na copa-e-cozinha do escritor e nem nas livrarias locais são encontradas".

O depoimento de Lucilo Varejão

J.U. Acredita na existência de uma Literatura Pernambucana? E se ela existe, porque a ignoramos nós que deveríamos ser os seu melhores conhecedores?

L.V.F. Está claro que acredito. Apenas antes de maiores considerações sobre o assunto, uma indagação se impõe: que escritores incluir no quadro geral de uma chamada "literatura pernambucana"?

Evidentemente que para aqueles autores que aqui nasceram e viveram toda a sua existência (caso de um Mario Sette ou de um Lucilo Varejão) o problema não oferece a menor dificuldade. Mas seriam realmente "escritores pernambucanos" os que, nascidos aqui, cedo emigraram para o sul onde publicaram toda a sua obra (caso de um Olegario Mariano), ou, mesmo, para lá se foram após a publicação de livro, ou livros, de significação, mas no Sul é que deram corpo à obra aqui iniciada e se impuzeram como valores "nacionais" (caso de um Alvaro Lins, após a publicação da "História Literária de Eça de Queiroz)?

E que dizer, também, daqueles que, nascidos em outros Estados, aqui se fixaram e, integrados em nossa paisagem cultural aqui produziram livros que pela temática poderemos considerar como nossos (caso — para citar um escritor contemporâneo — do historiador Nilo Pereira, vindo do Rio Grande do Norte e aqui se voltando para o estudo de temas pernambucanos: a Questão Religiosa, o Bispo Cardoso Ayres)?

Respondidas estas primeiras indagações que são talvez mais de ordem metodológica, outras ligadas a um juizo de valor, ainda se impõem: teremos aqui realmente um patrimônio literário que justifique uma preocupação com uma literatura pernambucana a ser preservada e considerada à parte da literatura brasileira? Caso afirmativo, por que, então, escritores nossos que adquiriram relevo e prestígio no plano nacional, exercendo a crítica militante ou fazendo história literária, como Olívio Montenegro e o já citado Álvaro Lins, se "despreocuparam" inteiramente dos autores pernambucanos (Olívio Montenegro, por exemplo, ignorou completamente o romance pernambucano)?

Não vou procurar responder, aqui, à indagação acima (conhecedor dos motivos particulares que levaram aqueles escritores àquela atitude, tenho, sobre o problema, opinião formada) e prefiro assumir a seguinte posição: ainda que, por absurdo, se admitisse que os autores pernambucanos do passado nada nos tivessem legado de grande valor literário, ainda assim, uma atitude "científica" se impunha, face aos nossos velhos livros, mandando neles reconhecer, quando nada, o valor, de autênticos documentos de caráter histórico a assinalar a formação e a evolução

do nosso gosto estético-literário.

E só por isso, esses velhos livros — que hoje, pela sua raridade, — e aqui iniciamos a resposta ao segundo item da pergunta — estão fora do alcance dos nossos universitários (dos alunos e dos professores) e do público em geral — mereceriam sistemáticas reedições.

Essa movimentação editorial, frise-se, tem de ser de caráter oficial (o governo não faz nenhum favor em amparar a cultura, sendo ao contrário, isso, uma obrigação sua). O Estado é que, na ausência de um interesse comercial que leve os editores à republicação dos velhos textos — em extinção, em virtude do progressivo desaparecimento dos últimos exemplares ainda existentes — deve recoloca-los ao alcance de todas as mãos, por intermédio de reedições de baixo custo (porque insistir em reeditar luxuosamente dois ou três livros, quando reedições de bolso, em papel barato, permitiriam a venda aos nossos universitários (celeiro de futuros críticos, historiadores literários, analistas de textos, etc.) e ao leitor comum sedento de conhecimento do nosso passado, de todos os velhos autores de Pernambuco, a preço quase simbólico?

Esse conhecimento, essa familiarização, facilitaria o surgimento de estudos, de artigos críticos, de trabalhos de pesquisa e análise que iriam repondo os nossos autores nos seus lugares.

O Governo Federal através do chamado Protocolo de Brasília, e das recomendações feitas aos Governos Estaduais, já deu um importante passo no sentido da preservação dos valores que testemunham a evolução da nossa cultura.

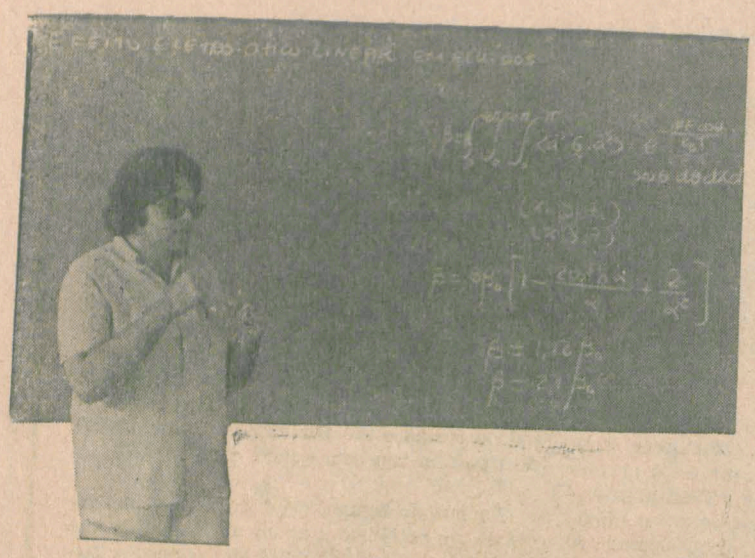
Apenas, ao que me parece, à grande ênfase dada ao trabalho de preservação, por exemplo, da nossa arquitetura barroca, poderia corresponder ênfase igual em trabalho de salvação de nossos velhos autores, já hoje quase ignorados.

Esse trabalho de Salvação se faz urgente. E os Governos estaduais deveriam, para ele, reservar verbas tão significativas quanto os que destinam à restauração dos velhos edifícios barrocos de Olinda, Ouro Preto e Sabará.

Aqui em Pernambuco, creio que a solução do problema, estaria na criação, no plano estadual, de uma Secretaria da Cultura, desmembrada da Secretaria da Educação (que, atualmente, se denominando de Educação e Cultura é, entretanto, muito mais de Educação que de Cultura), com verbas próprias e substanciais, destinadas às reedições e também à promoção de "ciclos de estudos" sobre a nossa velha literatura.

Uma planificação editorial seria organizada pela mesma Secretaria, após consulta ao Conselho Estadual de Cultura, à Academia Pernabucana de Letras e ao Instituto de Letras da UFPe. Desse plano editorial constariam as obras que deveriam ser salvas da destruição total, indicando-se os romances, as peças de teatro, os livros de poesia ou de crônicas, as memórias, os estudos históricos, os volumes de crítica literária, etc., que seriam reeditados cada semestre com prefácios, estudos críticos introdutórios ou simples apresentação da obra e do autor por especialista convidado. Este, crítico militante, professor ou mesmo apenas bom conhecedor da obra em causa, seria escolhido após as sugestões feitas pela Academia e pelo Instituto de Letras, em trabalho conjunto com o Conselho Estadual de Cultura.

Frise-se entretanto que, por lei, tais reedições deverão ter precedência, nas editoras oficiais — a serem convocadas para esse esforço de salvação do patrimônio cultural pernabucano — sobre quaisquer outros trabalhos. Com isto, evitar-se-á, inclusive, o boicote do plano editorial por diretores mais interessados em apresentar faturamentos, que em preservar a obra de escritores. A partir daí, isto é, desse verdadeiro trabalho de infra-estrutura que irá permitir um ressurgimento de nossos esquecidos escritores, poder-se-á, então, caminhar para a elaboração de uma boa "História da Literatura Pernambucana". Idéia que não é nova, pois, a própria Academia Pernambucana de Letras já chegou a organizar — em data muito anterior à minha entrada para a Instituição — um plano nesse sentido, aproveitando, se não estou enganado, um projeto de autoria do escritor Amaro Quintas, a ser desenvolvido em trabalho de equipe, e que, entretanto, por motivos que ignoro, jamais chegou a ser concretizado.



Os rituais na defesa de tese

O ritual de uma sessão para defesa de tese nas áreas das ciências exatas e experimentais difere um pouco daquele que caracteriza determinados setores das ciências humanas, principalmente nos cursos de Direito, embora estes não apresentem mais a mesma empolgação, nem despertem o mesmo interesse, atualmente, em relação a décadas passadas.

Bastaria lembrar a cerimônia em que o professor Pinto Ferreira defendeu tese para a antiga Cátedra de Direito Constitucional, da Faculdade de Direito da UFPe. Dias antes, o assunto se tornou notícia nacional, tamanha a expectativa com que todos aguardavam a sessão. Inclusive, a Faculdade se viu em palpos de aranha para compor a Banca Examinadora, porque eram poucos os nomes que topavam examinar o então jovem Pinto Ferreira.

Debates acirrados, discursos eloquentes, apartes desconcertantes, apupos e aplausos calorosos da numerosa e seleta platéia: Eis os aspectos que caracterizavam uma sessão em que um jurista defendia tese.

Nas áreas das chamadas ciências exatas e experimentais, é o contrário: predominam os cálculos frios, o silêncio do raciocínio matemático, tudo isso secundado pela participação igualmente silenciosa das pequenas platéias, compostas naturalmente de pessoas interessadas e militantes na mesma área de conhecimento.

QUÍMICA

Esse panorama verificou-se durante a sessão em que o Professor Alfredo Arnóbio Gama defendeu tese, na Escola de Química, sobre "Efeito Eletro-Òtico--Linear em Fluidos".

Em Química, FOI ASSIM

Vinte e um de novembro. Às 10 horas. Acompanhado de amigos, sorridente e tranquilo, Alfredo Arnóbio Gama, 26 anos, entra numa sala de aula da Escola de Química, da Universidade Federal de Pernambuco, para defender a sua tese de Mestrado em Físico-Química. O seu trabalho versa sobre "Efeito Eletro-Ótico Linear em Fluidos". Dispensa os rituais austeros e tradicionais. Veste uma camisa esporte quadriculada, calça branca e chinelos. De pé, atrás da mesa do Professor, procura descontrair-se ainda mais brincando com os colegas.

10h.10m. Apesar de quase lotada, um grande silêncio toma conta da sala. De quando em vez a quietude é quebrada quando um Professor ou um estudante, entra no recinto. Existe uma certa expectativa. Logo depois, chegam os membros da Comissão Julgadora — Professores Ira Marck Brinn, (presidente), da Escola de Química, Luíz Carlos M. Miranda, do Instituto de Física, e Gilberto Fernandes de Sá, da Universidade Federal do Ceará.

10h.15m. O presidente da Comissão autoriza Alfredo Arnóbio Gama a iniciar a apresentação da tese. A sala continua ainda a ser "invadida" por Professores e estudantes. Alfredo dirige-se ao grande quadro verde que tem às suas costas e começa por anotar o título do seu trabalho, que se situa na área da física teórica Trata-se de um cálculo matemático, no qual o autor prevê um fenômeno físico não observado antes. Mostra que para moléculas de certas simetrias e que são oticamente ativas, é possível observar atividade ótica pela influência de um campo elétrico externo. O caso semelhante com uso de campo magnético é bem conhecido e constitui efeito **faraday**.

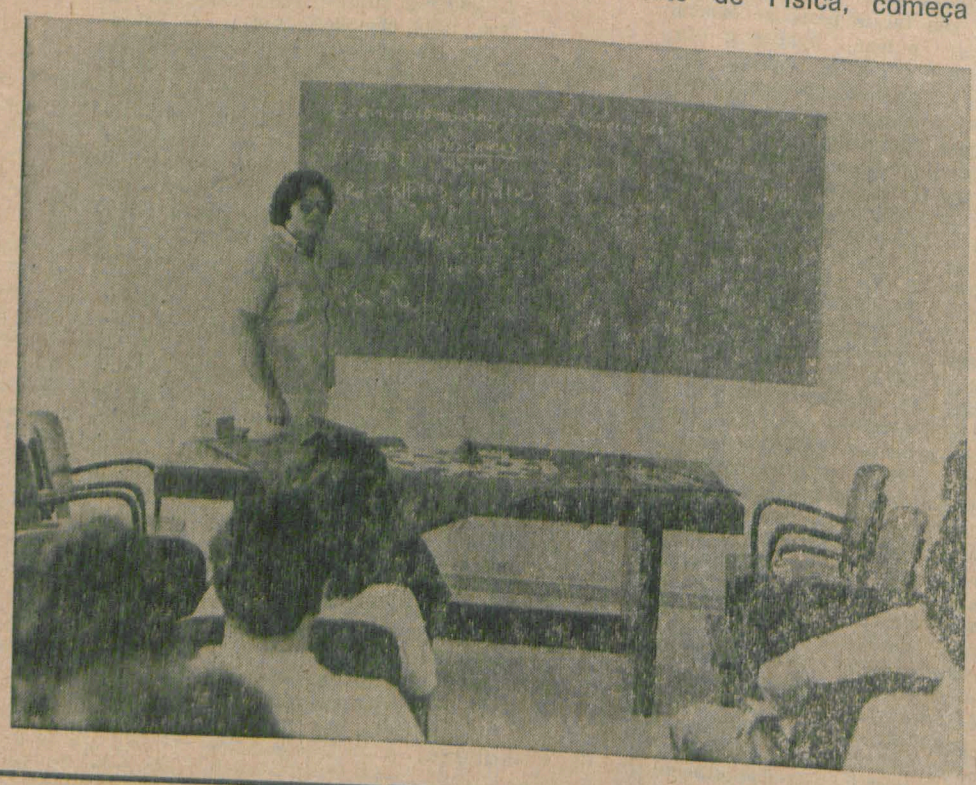
O NOVO RITUAL

10h.25m. Passados os dez primeiros minutos da apresentação oral da tese, a assistência não se manifesta. Um enorme silêncio paira sobre a sala. Percebe-se então, a grande diferença entre a cerimônia moderna e as tradicionais. Antigamente — sobretudo quando a tese era defendida por professor da Faculdade de Direito — a assistência, vez-a-vez prorrompia em palmas, ou apupos.

10h.35m. Alfredo Arnóbio Gama mostra-se ainda mais tranquilo, inteiramente seguro. Desenvolve os cálculos matemáticos no quadro, procura ser claro e objetivo. Não há interrupções. A Comissão Julgadora permanece atenta.

10h.45m. A apresentação da tese propriamente dita é encerrada. Aplausos. Pela primeira vez a assistência se manifesta. Alfredo Arnóbio Gama agradece e dirige-se aos membros da Comissão Julgadora.

O presidente da mesa — Professor Marck Brinn — dirige-se à assistência e indaga se alguém tem alguma pergunta a fazer. Permanece o silêncio. O professor Brinn passa então a palavra ao professor Gilberto Fernandes de Sá, da Universidade Federal do Ceará, que inicia agradecendo o convite que lhe foi formulado pela Escola de Química. Diz que a tese foi muito bem desenvolvida. Somente depois é que faz as interrogações. Arnóbio responde e a assistência continua em silêncio. Ninguém se manifesta.



11horas. O Reitor Marcionilo de Barros Lins entra na sala, cumprimenta Alfredo Arnóbio Gama, fala com os membros da Comissão Julgadora e senta-se numa cadeira da primeira fila. Logo depois as perguntas. A assistência permanece em silêncio. Em outros tempos, era nesse momento que o público mais se manifestava. Aplaudia as respostas do defensor da tese.

AS PERGUNTAS

11h.10m. O Professor Gilberto Fernandes de Sá conclui a sua parte. O professor Luiz Carlos M. Miranda, do Instituto de Física, começa a fazer novas perguntas. Alfredo Arnóbio Gama responde a todas com a mesma segurança. Fala em cálculos matemáticos, em desenvolvimento do trabalho, dá explicações de partes que pareceram obscuras aos Professores da Comissão Julgadora. Entretanto, a atitude da assistência ainda é a mesma: silêncio absoluto. Alguns estudantes começam a se retirar do recinto. Aproxima-se o momento do encerramento dos trabalhos.

11h.20m. Quando o professor Luiz Carlos M. Miranda acaba de fazer suas perguntas, o presidente da Comissão inicia a sua parte. o Professor Ricardo Ferreira, orientador de Alfredo Arnóbio Gama, ajuda o seu aluno dando algumas explicações sobre a tese do aluno, provocando um ligeiro debate. Aqui a assistência parece mais interessada. Alguns estudantes aproximam-se para ouvir melhor as explicações. Alfredo Arnóbio Gama procura ser claro e objetivo.

11h.45m. Aplausos. Os trabalhos estão encerrados. Quando os membros da Comissão Julgadora levantam-se para cumprimentar o expositor da tese, toda a assistência já está de pé. Professores e estudantes, além dos apenas ouvintes, querem apertar a mão de Alfredo Arnóbio Gama e parabenizá-lo pelo brilhantismo do seu trabalho. Ele agradece sorrindo.

O reitor Marcionilo de Barros Lins fala com Arnóbio e retira-se. O Professor Ricardo Ferreira atende a algumas pessoas que estão interessadas em saber maiores detalhes sobre a tese. Somente quando a sala está praticamente vazia é que Arnóbio retira-se acompanhado dos mesmos companheiros, anunciando que vai estudar para uma prova. Ele é diplomado pela Escola de Química, da U.F.Pe., mas fará o seu doutoramento no Instituto de Física, conforme declaração do seu orientador, Professor Ricardo Ferreira.

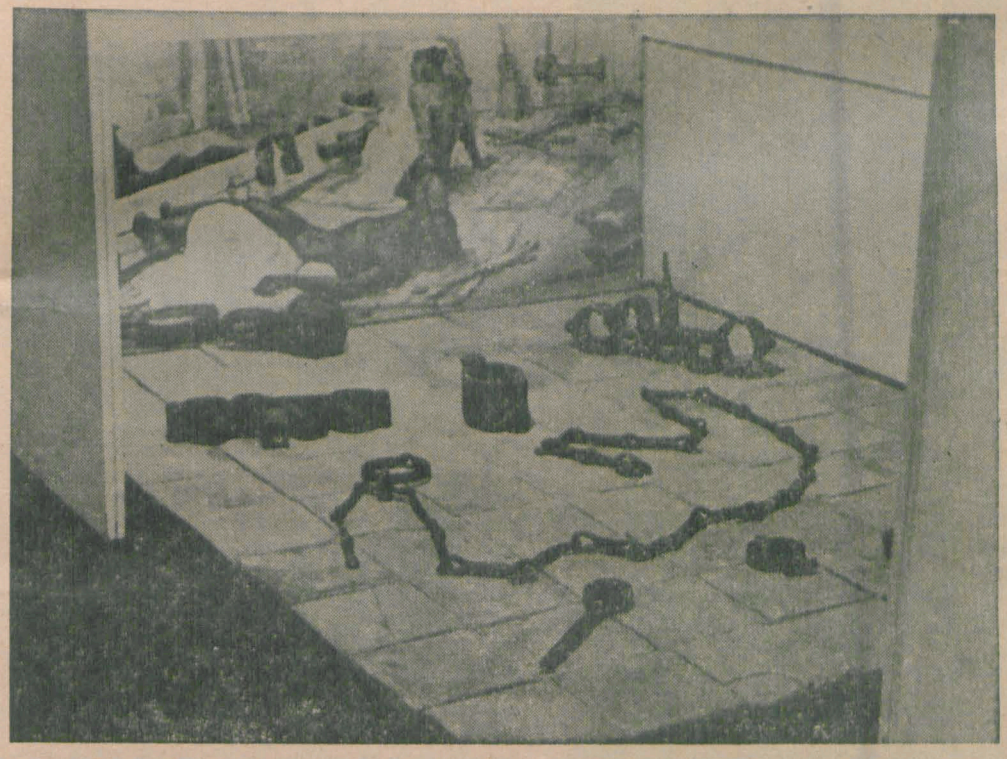
MUSEUS GUARDAM TEMPO DAS MOENDAS

O ciclo da cana-de-açúcar, sobretudo no Nordeste, deixou a sua marca de três séculos nos utensílios de trabalho, no mobiliário, na culinária, nos costumes, nas crenças e em muitos dos elementos que, ainda hoje, dão uma feição especial à cultura do Nordeste, especialmente na Zona da Mata e na Zona brejeira do Sertão.

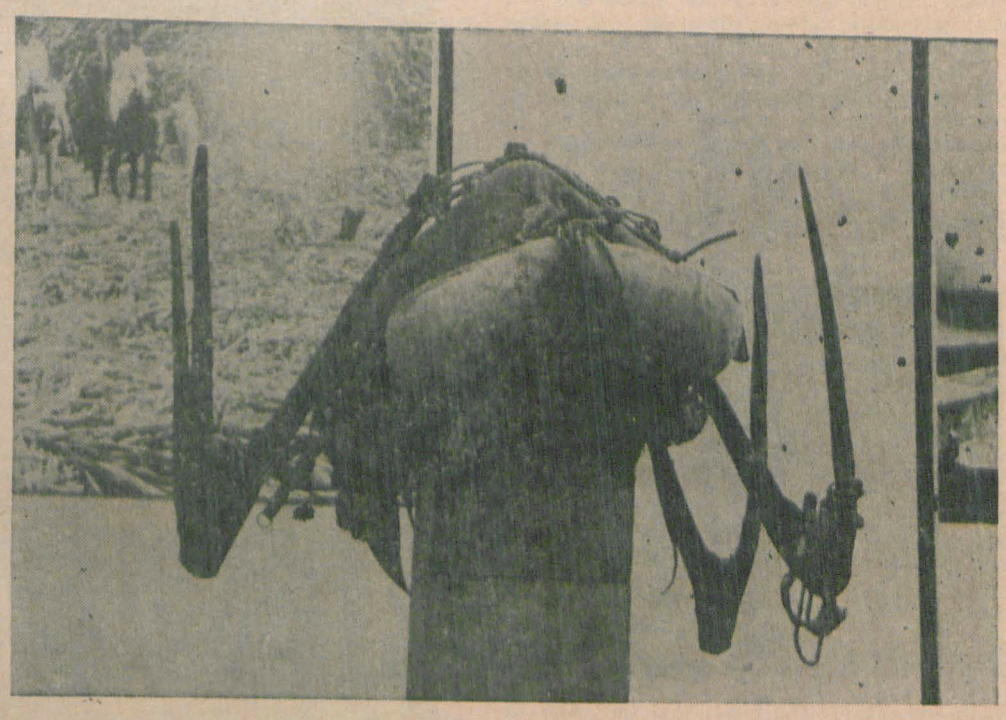
Alguns utensílios, na sua mudez, falam de toda uma época de formação coronelesca, paternalista, escravista e latifundiária, fundamentada no trabalho escravo dos negros e na exploração da mão-de-obra barata dos nossos brancos e mulatos.

Muita coisa poética e pitoresca deve ter ficado por conta do lirismo das mucamas e sinhazinhas: nunca lirismo de senzala, sempre de casa-grande. Sob outro aspecto, muitos dos utensílios ligados a uma fase da nossa civilização canavieira, com a sua própria aristocracia e, respeitando certos limites, com a sua própria escravatura, como na Grécia e na Roma do passado, — foram ultrapassados ou substituídos por instrumentos mais novos, emergidos do avanço da tecnologia para corresponder às necessidades de uma produção não mais dependente, apenas, da manufatura ou do artesanato.

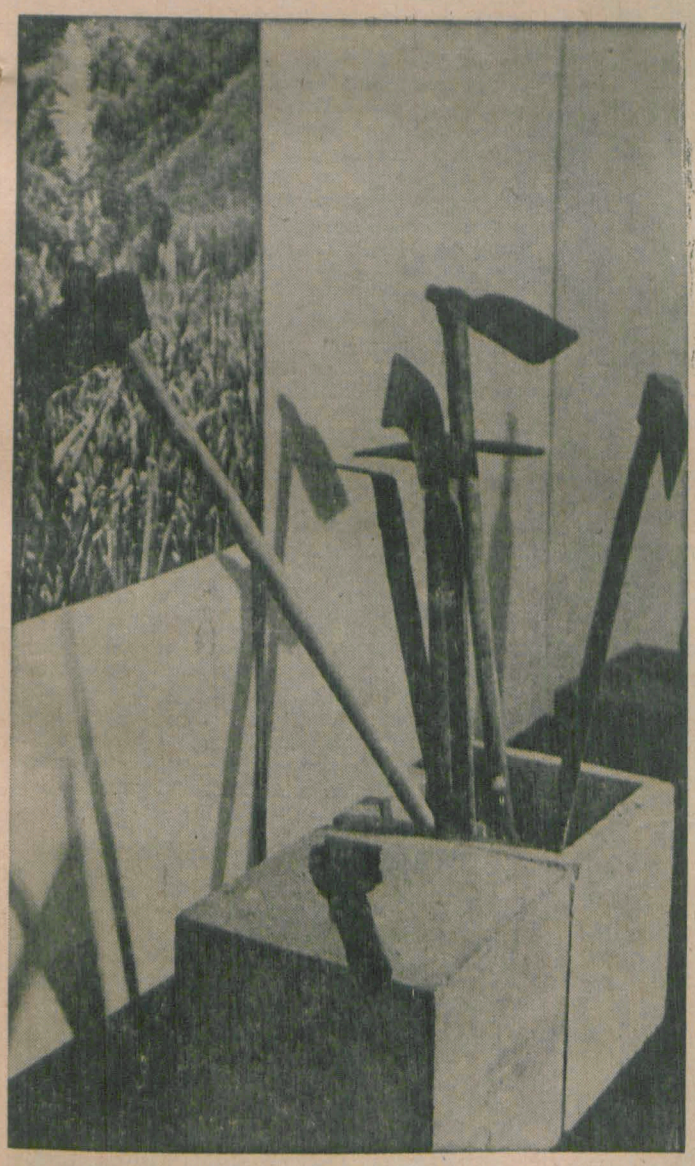
Tacho em que se preparava o mel para fazer rapadura



Troncos de amarrar negros e correntes para prender-lhes as mãos e os pés.



Cangalhas e cambitos no transporte de cargas



Enxadas, principal instrumento com que os rurícolas preparam o cultivo da terra.

OS INSTRUMENTOS

Os museus têm uma nobre função, assim como as bibliotecas, de preservar a memória do que foi útil ou do que foi belo em cada etapa da civilização humana. Sem eles, pouco saberíamos do nosso próprio presente.

Um enorme tacho de metal, utilizado para mexer o mel fervente nas diversas etapas do preparo da rapadura, pode não significar para nós apenas um tacho, — mas um símbolo do trabalho duro nos nossos engenhos e uma representação, em sua sólida dureza, não somente de uma cultura, a paternalista, mas da sua permanência em muitos dos nossos hábitos e em muitas das nossas instituições.

Uma carreta de rodas de madeira, útil para o transporte da cana para as moagens, pode significar, também, uma concepção de velocidade que, por não mais atender às exigências de uma outra época, movida mais pela gasolina do que pela complacência dos burros de tração, ficou como a lembrança de um tempo que transcorria rotineiramente, e sem premência como o de hoje.

Os instrumentos de suplício dos escravos talvez não falem com a mesma eloquência com que falavam na carne dos supliciados: podem parecer até pitorescos; no melhor dos casos, talvez não nos exprimam mais do que uma época legendária e nos falem, por isso, mais como legendas do que como fatos vivos. Troncos para amarrar negros, correntes para prender-lhes as mãos e os pés e, até mesmo forcas, são dificilmente concebíveis por um período, como o nosso, que não conheceu tal forma de escravidão.

Cangalhas, formadas com almofadas de palhas recobertas de pano e adaptadas a um suporte de madeira, ainda hoje são utilizadas no Sertão, na Mata e no Agreste, para transporte de cargas, podendo-se adaptar, nos seus cabeçotes, cambitos em número de quatro, em forma de ganchos, próprios para carregar lenha e cana. A expressão, que se tornou proverbial, "quem não dá pra sela, dá para cangalha", parece referir-se pejorativamente aos burros, para ressaltar a nobreza dos cavalos, e ao mesmo tempo, define a natureza do trabalho sacrificado e humilde dos seus condutores — os cambiteiros, — que dificilmente, em razão do seu ofício, jamais chegariam à sela...

Foices, enxadas, machados, picaretas e outros instrumentos ficarão como representantes da nossa Idade dos Metais: e falarão, nas salas dos futuros museus, de uma forma de exploração da agricultura que mais persistiu, tanto no Império como na República, quase como se fossem insubstituíveis, a despeito da tacanhez das possibilidades técnicas...

CAVALHADA: invasão da idade média em nosso tempo

O Recife, através do Parque de Exposição de Animais Antonio Coelho, numa promoção da Sociedade dos Cavaleiros do Recife, foi precipitado, de uma hora para outra, em plena idade média. O espetáculo, designado pelo nome cavalhada,**é uma sobrevivência, medieval e européia, que permanece bastante viva, sobretudo, no Nordeste.**

A Sociedade dos Cavaleiros de Pernambuco, fundada há uns dois anos, tem por objetivo justamente incentivar, entre nós, a prática desse espetáculo. Tendo por diretor Luís Mário, e Alceu Figueiredo como secretário, a Sociedade dispõe, ainda, de um apresentador absolutamente diferente dos locutores comuns: Humberto Granja que, ao fazer a apresentação de uma cavalhada, **não somente designa a posição das coisas que vão ser representadas, mas vive a própria representação nas suas origens. E todos nós somos, através de Humberto Granja, conduzidos a uma época legendária, como se o presente fosse, por uma mágica especial, inteiramente recuado no tempo, apesar das vestes modernas dos espectadores, dos recursos técnicos de som para transmissão do espetáculo, das bandeiras que invocam outra realidade histórica e outro país e da língua que serve de veículo interpretativo para a comunicação da cavalhada.**

ORIGENS DA CAVALHADA

A **cavalhada** remonta à Baixa-Idade Média, entre os anos de 768 a 814, período correspondente ao domínio de Carlos Magno, rei dos francos e imperador do ocidente. Esse rei, ignorante mas iluminado, que chegou a convocar concílios sem ser teólogo, e fundar a primeira universidade do mundo ocidental, ainda que não soubesse ler, — conseguiu, em seu tempo, a unificação religiosa e política da Europa: unificação que, desde então, não deixou de perdurar, apesar das guerras e divisões que se sucederam na história européia. Carlos Magno chegou mesmo a ser canonizado por um anti-papa, apesar de não demonstrar grandes sinais de santidade.

Profundamente religioso, sua religiosidade era bastante truculenta e fanática, como era comum em sua época, a ponto de sua divisa, ao penetrar nas regiões por ele conquistadas ao cristianismo, ser a seguinte: "Ou converte-se ao cristianismo, ou morre". O nosso religioso, a despeito de uma moral um tanto duvidosa — pois gerou um filho na própria irmã — era, entretanto, de uma fé tão infatigável que todas as suas guerras não passavam de meros pretextos para converter bárbaros e infiéis à religião cristã.

A **cavalhada** se deriva justamente do antagonismo entre os cristãos, representados por Carlos Magno e os seus doze pares ou paladinos de França e os infiéis, tanto mouros como bárbaros, que não queriam se render à fé cristã sob o poder da espada invencível do imperador dos Francos. Os paladinos constituiam a elite do seu exército, e com ele moravam na corte.

VERSÃO EUROPEIA

A cavalhada, tradicionalmente conhecida no nordeste, é representada por cavaleiros de dois cordões: o cordão vermelho e o azul. Existe, curiosamente, uma duplicação dos cavaleiros, que de doze passam a vinte e quatro, Carlos Magno, que funciona no cordão azul, dos cristãos, e no cordão vermelho, dos mouros. Em alguns lugares a **cavalhada**, que significa reunião de cavalos, toma o nome de **argolinha**, porque a argola representa, nesse espetáculo, a cabeça do régulo infiel que não quer converter-se à religião cristã. Na época de Carlos Magno, a cabeça decepada do rei inimigo era jogada como uma bola por ele e pelos seus paladinos.

A **cavalhada**, na versão da Sociedade dos Cavaleiros de Pernambuco, procura ser uma réplica do espetáculo medieval, diferentemente das outras que receberam uma versão nordestina.

Cada cavaleiro ostenta o brasão heráldico, na Sociedade dos Cavaleiros de Pernambuco, do seu próprio domínio: condado, ducado, principado, etc. Os cavalos e a armadura dos cavaleiros são idênticos, em seu figurino, à época por eles evocada. A princípio eles ficam na **tela** — local onde os cavaleiros se postam para o início dos combates. Um tambor, ou, às vezes um clarim, anuncia a entrada dos cavaleiros, na pista dos combates, saindo da **tela**.

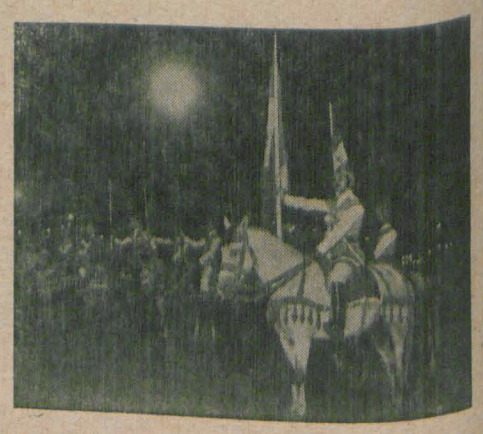
OS MOVIMENTOS

Na extremidade da pista fica a **argola** dependurada de uma garra disposta numa corda presa entre duas barras. Cada lança obriga o cavaleiro a fazer um movimento diferente: movimento que, historicamente, significa manobras em campanha. Todas as vezes que eles voltaram da campanha faziam essas manifestações, representadas, pelas sequências da cavalhada, para comemorar as vitórias alcançadas.

Na versão nordestina chamam de **matinador** o chefe ou encabeçador das cavalhadas; o nome europeu é, porém, **mantenedor**. O apresentador do espetáculo é, ao mesmo tempo, o arauto que anuncia a saída dos cavaleiros da **tela**, para a qual voltam de cada vez que são chamados para bater-se na pista das escaramuças ou dos combates, que aparecem simbolizados na argola suspensa, por uma corda, acima das duas barras. O espetáculo, de grande beleza, é, para muitos, sumamente monótono, e pode durar às vezes, até três horas. A graça dele reside, para quem souber descobrí-la, justamente no seu caráter monótono: pois a argola, além de ser uma representação da cabeça do rei infiel, é um símbolo do combate do homem com as forças do mal. Cada cavaleiro apresenta, com sua lança, um meneio diferente, a cada galope para a argola; e, com seu capacete branco, brilhando na noite, e com as vestes de cores variadas e com seu cavalo, ajaezado com todos os requintes de uma festa, cada cavaleiro, uma vez conquistado o seu troféu — a **argolinha** que ele conseguiu prender na sua lança, — entrega-o à **dama**, esposa ou noiva, tal como na idade média, recebendo, então, curvando-se sobre o seu cavalo, o esperado prêmio de um beijo. Vivendo seu papel histórico, cada cavaleiro é um príncipe, um conde ou um duque, povoando, com sua figura sorridente, a pista iluminada. E, assim, desfilam os cavaleiros, pela ordem dos seus nomes:

ROLDÃO, Conde de Cenóbia; LAMBERT, Príncipe de Bruxelas. ANJOU, Duque de Mântua; FOLCALQUIER. Príncipe do Maine; ASTOLFO, Duque de Naimes; DEBOIS, o fiel, Duque de Orléans; ROLANDO, Duque de Durazzo; RICARTE, o Mau, Duque de Savóia; PARMA, Conde de Leurian; VALOIS, Duque de Orly; ROLDÃO, o Pacificador, Príncipe de Navarra; MONFERRATO, o Ousado, Príncipe de Solerno; RETHEL, Duque da Baviera e TIETRE, Duque da Dardânia.

Para os que acompanharam a lista de tão nobres personagens, não deve ter passado despercebido o fato dos personagens serem quatorze, e não doze. Provavelmente, porque os antigos já conheciam o que, entre nós, se conhece como regra três no futebol: por isso, aparecem, além dos doze, mais dois cavaleiros de reserva... E onde está Carlos Magno?



MEC E UNIVERSIDADE ESTÃO LIGADOS ATRAVÉS DO RETEMEC

A Rede de Telecomunicações do Ministério da Educação e Cultura —Retemec — desenvolve importante tarefa interligando, através de mensagens rádiotelegráficas e rádiotelefônicas, as instituições de ensino em todo território nacional.

Assuntos da maior importância para o ensino, pesquisa e administração, são tratados, ou mais precisamente, são encaminhados, quando em caráter de urgência, através de rápidas mensagens entre o MEC e as Universidades e outros órgãos ligados ao ensino.

Na Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, onde funciona uma das 37 estações de Retemc, sob a chefia do tenente Clezide Francisco da Silva, desde 1966, muitas vezes o Reitor é chamado a comparecer com urgência ao gabinete do ministro, com uma simples mensagem via Retemec, para decidir assuntos da máxima importância.

SERVIÇOS

Uma média de 500 mensagens atingindo entre 18 a 25 mil palavras, é o movimento do Setor-Retemec da Reitoria da UFPe., mensalmente, servindo não só a esta Universidade, como também à Universidade Federal Rural, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Patrimônio Histórico, Delegacia Regional do MEC, Centro Regional de Pesquisas Educacionais e, esporadicamente, Secretaria de Educação do Estado.

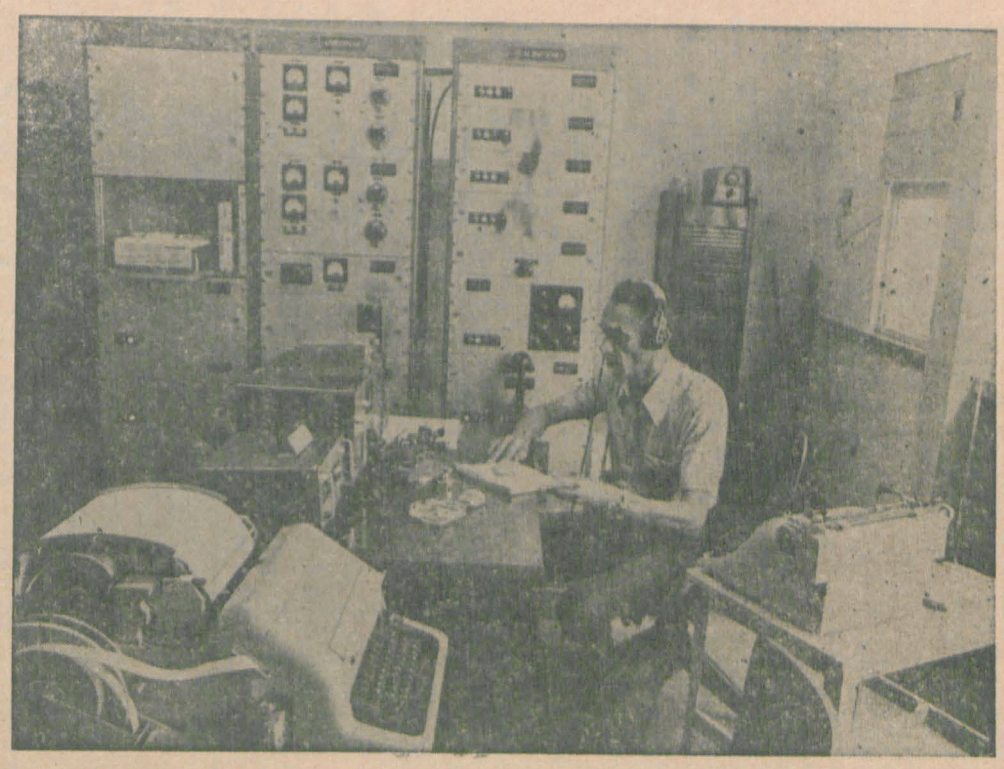
O Retemec utiliza o código Morse. O sistema, embora pareça obsoleto em relação aos modernos meios de comunicação, como o telex, a telefonia, etc., leva vantagens sobre estes veículos, porque, mesmo sofrendo influências atmosféricas, não chega a parar de todo, quando essas interferências se fazem presentes, ao contrário daqueles outros meios.

A radiotelegrafia é utilizada pelas Forças Armadas, Aviação Civil, Marinha Mercante, Universidades e empresas particulares.

CONCORRÊNCIA

Na opinião do tenente Clezide, a radiotelegrafia, em que pese a sua eficiência, inegavelmente tem sofrido as consequências do fator concorrência imposto pelos novos meios de comunicação, principalmente o telex e a telefonia, diminuindo o mercado de trabalho radiotelegrafista.

O Setor-Retemec da Reitoria da UFPe. utiliza equipamentos de fabricação nacional, que satisfaz plenamente.



Tenente Clezide operando no Retemec

Camilo, o violeiro

Manoel Camilo dos Santos, autor do famoso folheto "Viagem a São Sarué", como muitos de seus colegas, começou tocando viola por brincadeira, "para depois fazer profissão", e com 4 anos largar "o ramo sofredor", para escrever "versos de banca". Hoje, com uma obra de uns cem folhetos publicados, fala com saudade dos tempos de cantoria e de alguns parceiros como Manoel Caetano, de Alagoinha; Inácio Rodrigues, de Alagôa Grande; Severino Cosme, de João Pessoa; Daniel Pinheiro, de Canhotinho, e Joaquim Jaqueira II, de Massaranduba. Mas, de todas as cantorias, a que lhe ficou na memória, foi com o famoso Romano Elias, "a força dos cantadores", na rua da Saudade, em João Pessoa.

Já tinha se topado com Romano duas vezes, e conhecia o seu veneno. À noite, quando chegaram para cantar, a dona da casa foi correndo à porta para receber os cantadores e, quando viu cara nova, perguntou a Elias: É o seu colega, seu Romano? Romano balançou a cabeça, dizendo que sim, e lhe apresentou Camilo.

E este canta mais do que aquele? Romano velho lhe respondeu: canta.

Quando chegaram na sala, já cheia de gente, Camilo meio encabulado com as perguntas daquela mulher, perguntou ao seu parceiro: Romano, quem foi o cantador que esteve aqui de cantoria mais você? E Elias lhe responde, sem querer muita conversa: foi Correia. E Correia foi vaiado. Diz Camilo que viu o seu sangue fugir e disse para o seu companheiro: Mas Romano, você fazer isso comigo! Onde Correia foi vaiado, o que será de mim! Romano, com pena do seu colega, procurou lhe encorajar: Rapaz, você não sabe, que Correia é cantador bom, mas canta feio, tem uma voz rouquenha e não tem presença no salão. Você é outra coisa, Camilo, cante bem e não se incomode. Diz Camilo que com raiva da safadeza de Romano, pensou desse jeito: eu hoje posso ficar intrigado com Romano, mas ninguém me vaia.

Foi a maior cantoria da minha vida, diz Camilo respirando aliviado, como se ainda estivesse ao lado do famoso Romano, na sala da rua da Saudade. Foi a maior, "tanto em cantar muito, como o povo bom, os cantadores bem tratados, e o maior dinheiro, que já vi de viola. Rendeu cento e noventa e dois contos de réis. Cantamos de 8 horas da noite às 5 da madrugada". E para terminar o batepapo sobre cantoria, Camilo canta para mim, em voz baixa e já sem pinho, a resposta que deu à primeira pergunta de Romano sobre Geografia, e cujo verso terminava assim: Quando e por quem começou a Geografia? E, já sem o medo da vaia de Correia, lhe responde Camilo.

Foi por astrônomo
da remota antiguidade
como fosse Cleanto e Aristarco
cada um com mais curiosidade
Copêrnico e Galileu com a verdade,
afirmavam que a terra se movia
Ptolomeu, sábio, este dizia
que a terra era fixa em posição
era o sol quem fazia a rotação
mas, a prova exata não havia.

Liêdo Maranhão.

Instituições portuguesas divulgam escritores lusitanos em Recife

O livro de autor ou editor português é, no Brasil, uma espécie de fantasma que, surgindo em raríssimas oportunidades, tem o privilégio de lembrar não apenas a indissociável ligação cultural entre os dois povos — estabelecida desde que, em nome do seu rei, o temerário navegador lusitano tomou posse da nova terra — como também o fato de que Portugal tem escritores e editores tão intensamente interessados pelas realizações espirituais, a literatura principalmente, quanto qualquer país ocidental.

Há seis anos atrás, em artigo escrito especialmente para o boletim do Gabinete Português de Leitura e transcrito em jornais brasileiros e portugueses, Gilberto Freyre afirmava que "o problema do livro é dos que hoje mais preocupam quantos se interessam em ampliar ou intensificar as relações entre os povos de língua portuguesa".

Mas a tão lamentável deficiência já começa a ser reparada. Nos inícios do corrente ano foi aberta no Recife a Livraria Camões, totalmente dedicada ao livro português no Brasil, numa iniciativa exemplar do Gabinete Português de Leitura. Vale registrar, porém, que a Livraria Camões foi um empreendimento maior levado a cabo pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, sediada em Lisboa, que, pensando em difundir no Brasil o maior número possível de autores essencialmente lusitanos, terminou por fundar duas dessas livrarias em nosso país (a outra está fixada no Estado da Guanabara). Quatro anos antes, o Gabinete Português de Leitura promovera, no Palácio da Foz, em Lisboa, uma exposição de livros brasileiros editados pela Imprensa Universitária da Universidade Federal de Pernambuco. Mas muita coisa ainda há por fazer. O próprio livro de autor brasileiro, por exemplo, aparece no Brasil com uma raridade impressionante. "É uma espécie de moura encantada", afirma Gilberto Freyre, que diz não compreender as ausências do livro brasileiro em Portugal e no Ultramar Português, assim como a do livro português no Brasil. "Chega a ser ridículo vivermos a falar em cultura comum, em língua comum, em comunidade intelectual, quando o livro que, logicamente, deveria ser o principal elemento de ligação de brasileiros com portugueses no plano mais especificamente cultural, ao contrário, chega a ser um obstáculo a essa ligação ou a essa aproximação".

Exposição

A Exposição Itinerante do Livro de Portugal, congregando livros publicados por 49 editoras portuguesas, desde obras essencialmente técnicas até artísticas e literárias, conseguiu divulgar algumas das mais vigorosas vozes da novíssima literatura portuguesa. A exposição, que durante uns quinze dias esteve acomodada nas dependências do Gabinete Português de Leitura, foi patrocinada pelo Fundo de Fomento de Exportação de Portugal, pelo Consulado de Portugal no Recife e pelo próprio Gabinete. Já passou pelas cidades de Brasília, Belo Horizonte e Salvador, seguindo, agora, para a vizinha cidade de Fortaleza, no Ceará, onde tornará conhecidos escritores como Branquinho da Fonseca, Sophia de Mello Breyner, Augusto Abelaira, Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Namora, Virgílio Ferreira — este último considerado um dos grandes ficcionistas europeus da atualidade —, dentre vários outros.

Editoras

Entre as editoras portuguesas presentes à Exposição, destacam-se LIVRO DO BRASIL S/A, EDITORIAL ESTAMPA, EDITORA ARCÁDIA, LELLO & IRMÃO, LIVROS HORIZONTE LTDA e LIVRARIA ALMEIDA. A primeira é, provavelmente, a mais conhecida e prestigiada pelo público leitor brasileiro. LIVROS DO BRASIL possui cerca de dois mil títulos editados, destacando-se alguns dos maiores escritores deste século, como Thomas Mann, André Gide, Dylan Thomas e André Malraux. Através da sua coleção "Argonauta" lançou e difundiu em Portugal os nomes mais representativos da ficção científica, tais como Ray Bradbury, Clifford Simak, Isaac Asimov e Robert Heilein. A partir de 1969 passou a editar as **Obras Completas** do romancista português Eça de Queiroz em novas edições revistas, com fixação dos textos e notas críticas da melhor qualidade.

Sistema Personalizado Dá Bons Resultados na Área-II

O professor Fernando Sodré, coordenador da Área-II (Tecnologia e Ciências Exatas da UFPe.), declarou que os resultados obtidos com o sistema de ensino personalizado nas disciplinas de Física Geral são animadores e servem de base para ampliação dessa inovação pedagógica em outras disciplinas, a partir de 75.

Tais resultados foram apresentados no 1º Grupo de Estudos de Ensino Personalizado realizado recentemente em São Paulo. Para a expansão do sistema no âmbito de outras disciplinas, o MEC liberou mais uma parcela dos recursos concedidos para esse fim.

Os estudantes apreciam o novo método (questionário) e os índices de aprovação foram de 78% em Física Geral-1 e 82% em Física Geral-2. A 1ª disciplina contou com 527 alunos, no 1º semestre, e a 2ª com 520, no 2º semestre de 73, de Ciências Exatas e Tecnologia.

VANTAGENS

O sistema de ensino personalizado veio materializar os anseios de educadores e estudantes que, desde há muito, desejavam uma sistemática voltada para o aluno com ênfase no aprendizado e não no ensino. Ensinar o aluno a pensar e a estudar é muito mais importante que lhe ensinar técnicas que poderão estar obsoletas dentro de algum tempo. O profissional que, durante o estágio letivo, se acostumou a aprender por seus próprios esforços poderá no futuro acompanhar o rápido desenvolver da tecnologia por meio dos trabalhos e revistas científicas. Enfim é muito útil ao cidadão e ao país ensinar a "pescar" que, apenas, dar o "peixe".

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 4 Recife — Dezembro — 1974 Ano VII

Arte & Tempo

Ângelo Monteiro

Nem em Santa Teresa nem em São João da Cruz nós iremos encontrar tão constantes referências aos céus como em Frei Luis de Leão. Objetos, a princípio, de contemplação poética, terminam por constituir-se em fontes de consolação e de amor para os seus olhos insatisfeitos com os limites da existência e ansiosos por ultrapassá-los através do ímpeto amoroso que lhe move ao poema:

"Cuando contemplo el cielo,
De innumerables luces adornado,
Y miro hacia el suelo,
De noche rodeado,
En sueño y olvido sepultado,

El amor y la pena
Despiertan em mi pecho un ansia ardiente,
Despiden larga vena
Los ojos hechos fuentes"...

O amor, enquanto resultado de uma experiência contemplativa, está associado, no poeta, a um vôo acima da ordem sensível dos fenômenos. É humano, porém sublimado, não representando, como para Santa Teresa e São João da Cruz, uma identificação entre o sujeito e a coisa contemplada. Está ligado, pelo contrário, a uma distância que é amada na medida em que lhe parece inatingível. É excessivamente divino e celestial esse amor, e se aplica unicamente a um Deus colocado acima de qualquer forma de experiência com o terrestre. Não se pode negar que a contemplação, nem individualista nem orgulhosa de Frei Luis de Leão, esteja ligada ao amor; mas o amor de que ele nos fala se deriva de uma oposição entre o alto e o baixo, entre o solo e o cume, como nesta estrofe do seu poema "Noche Serena":

"Es más que un breve punto
El bajo y torpe suelo, comparado
A aqueste gran trasunto,
Do vive mejorado
Lo que es, lo que será, lo que ha pasado?"

No poema dedicado a Felipe Ruiz de la Torre y Mota concebe os céus como fundamento de uma ordem que ele não costuma encontrar nos alicerces da terra mas nos cumes das montanhas e nas alturas celestiais: "Las causas de los hados, las señales". Em "Lira en loor y honra de Dios Nuestro Señor" assim se refere às esferas:

"Esferas celestiales,
Que con primor divino estais labradas
De luces eternales
En ordem esmaltadas
Y de dorados clavos tachonadas".

No mesmo poema se observa que a contemplação das esferas simultaneamente lhe inspira adoração ao cume e lhe infunde horror ao solo:

"Y pues toda la tierra
Tan fea me parece viendo el cielo,
Y todo lo que encierra
El estrellado velo,
No quiero, desde hoy más, amor del suelo".

Os céus, por outro lado, são transcendidos por Frei Luis de Leão, através de imagens mais plásticas do que etéreas, passando a significar não só as idéias inatingíveis de distância e altura, porém idéias mais próximas da concretude como morada, casa, corte, cidade, prado, região e mesmo solo. Isso pode ser visto em "Morada Del Cielo", um dos poemas mais misteriosos e extraordinário de sua poesia:

"Alma región luciente,
Prado de bienandanza, que ni al hielo
Ni con el rayo ardiente
Falleces, fértil suelo,
Producidor eterno de consuelo".

Os céus convertem-se, dessa forma, de objeto de contemplação em plataformas de anseio existencial do poeta:

"Por ti, corte divina;
Por ti, casa de Dios, ciudad sagrada,
Mi alma peregrina,
De ti tan alejada,
Suspira, caminando su jornada".

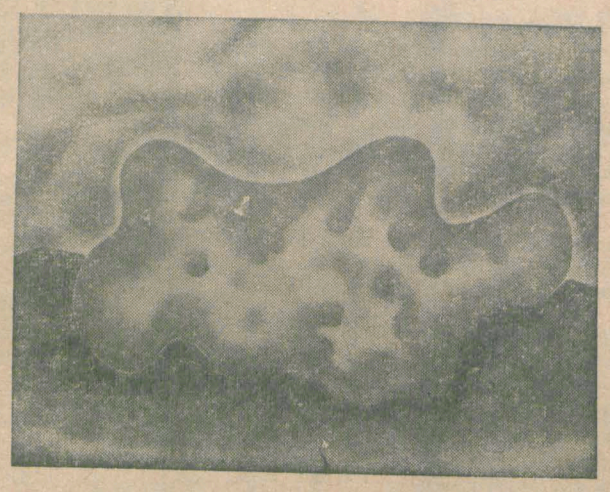
Em dois versos de "Noche Serena" as duas idéias de céu — a idéia abstrata de altura e a idéia concreta de morada — se fundem em Frei Luis de Leão: "Morada de grandeza,/ Templo de caridad y de hermosura". No geral, entretanto, os céus, mais do que altura e morada, ansiadas pelo poeta, definem-se como fuga da realidade. Frei Luis de Leão, como parece confessar nos versos de "Vida Retirada", quer estar só, sem testemunhas, livre de todos os laços terrestres; o que equivale a dizer: de todas as preocupações que o possam ligar aos outros no mundo; livre do ódio, é verdade, mas também livre do amor doloroso de que comungam por fatalidade todos os homens:

"Viver quiero contigo,
Gozar quiero del bien que debo al cielo
A solas, sin testigo,
Libre de amor, de celo,
De odio, de esperanzas, de recelo".

Já em "Al Apartamiento" ele aspira ao sofrimento, ao despojar-se da própria memória das coisas para conquistar essa solidão feliz: "Traspassaré la vida/ En gozo, en paz, en luz no corrompida". E essa linguagem faz lembrar os transportes (menos próximos da clareza do que da escureza do mistério místico ou poético) de Santa Teresa e de São João da Cruz; e nos coloca antes em confronto com a dor da participação do que da alegria, muito pouco palpitante, da fuga.

Mas não nos iludamos: são flagrantes rápidos e raros na poesia do nosso amável frade. O título do poema é bastante significativo a esse respeito: "Al Apartamiento". Estaremos sempre diante de alguém apartado; de um poeta ou de um místico que tira força antes do retiro do que da participação; se bem que saibamos que a idéia de retiro se apresente, de certo modo, inseparável da idéia de iluminação mística ou poética. Esse, porém, não é o caso de Frei Luis de Leão. Ele não quer a paz: mas a segurança.

Fernando Guerra & A Pintura Fantástica



"O atelier do artista deve ser como o laboratório do alquimista: o pintor como alguém sempre disponível a renovar-se, não apenas no plano material das técnicas, mas no plano alquímico-espiritual que transmuda essas técnicas em ouro", declara Fernando Guerra.

Pintor e gravador, fez várias exposições individuais, entre as quais se destaca a do "Museu de Arte Contemporânea de Olinda", em 1970, e a do Studius Galeria de "Arte-Guanabara", e algumas exposições coletivas em vários Estados da Federação incluindo, além de Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Guanabara, das quais as mais importantes foram a do 28º Salão do Museu do Estado, em Recife, em 1970, onde recebeu II Prêmio de Desenho e a da Mostra de Arte, "Copa Independência", na Guanabara, em que recebeu Medalha de Bronze".

Picasso, Miró e Salvador Dali, três dos maiores pintores espanhóis do nosso tempo, exerceram uma notável influência sobre o artista, devido talvez a razões ecológicas e culturais que ligam a Espanha ao Nordeste brasileiro. Porém, como a maioria dos artista jovens, recusa admitir que tais influências perdurem em seu trabalho. Crê, por conta disso, que sua criação é inteiramente pessoal, para não dizer absoluta. É interessante observar a gama de cores de que ele se utiliza em sua pintura: o vermelho, o verde, o castanho e a presença de outras cores, evocam o próprio meio em que o artista vive e trabalha. Os seus desenhos, acredita ele, estão mais distantes dele próprio do que sua pintura, porque nesta se sente mais liberto da influência daqueles mestres.

Trabalhava os seus desenhos, a princípio, somente com bico de pena, e ao fazer uso do pincel, costumava enriquecer as pinceladas com traços de bico de pena. Nessa fase passou uns três anos. Em sua pintura de hoje utiliza-se do pincel a seco, espalhando tinta gráfica sobre uma superfície polida, muitas vezes criando efeitos de volume e contrastes de formas com base em cores alternadas.

Em sua pintura ele incorpora elementos exteriores a um código pessoal de visões: sendo, sob esse aspecto, um continuador das correntes expressionistas na pintura, por preocupar-se mais com uma **expressão** da realidade, que passa a ser necessariamente inventada, do que com as **impressões** da mesma, que fazem com que a arte delas dependa. Nega que a arte conheça uma linguagem conceitual. Por isso deseja desvincular a sua arte do aprisionamento aos objetos da realidade, indo em busca de formas que ainda não existem. Daí não se considerar um pintor figurativo: pois suas figuras nada têm em comum com o figurativo tradicional, sendo, ao contrário, projeções para o fantástico.

LUCENA & A FICÇÃO

Com "Casa do Eterno", Eduardo Lucena faz sua estréia na literatura de ficção. Editado pela Editora Carioca "Livros do Mundo Inteiro", o livro de Eduardo Lucena representa uma contribuição nova à literatura pernambucana. Ele já possui um domínio singular da linguagem, em suas frases curtas, ricas de plasticidade e saturadas de pensamento, com que resume o desesperado mundo dos seus protagonistas. O pequeno texto de um dos seus contos pode nos dar a idéia do que seja Eduardo Lucena como escritor:

"As criaturas de nada valem; vãs, as ciências; as glórias dissolvem-se com o pó do tempo; despojados, os homens que sonham rugir. Oca é a tua vida, minha tristíssima Angélica, pendurada na parede; inalterável. César continua grandioso, irmãzinha. E tu estás num quadro de portataria, pendurada num canto; empoeirada como a Ira do Senhor".

Ormindo e não Orlando

Ormindo Pires Filho (e não Orlando) é o verdadeiro nome do autor do artigo, publicado nesta página, sob o título **"Aspectos religiosos em Caligula"**, de Camus".